

O CETICISMO NA AMÉRICA LATINA

OTÁVIO BUENO

Universidade de Miami, Flórida

Email: otaviobueno@me.com

PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH

UNIFESP

Email: plinio.smith@gmail.com

Tradução: Nicole Marcelo

Email: nicole_a_marcello@yahoo.com.br

Este trabalho examina o desenvolvimento e o impacto do estudo do ceticismo filosófico na América Latina, destacando algumas tendências significativas e contribuições importantes feitas por vários filósofos latino-americanos a esta venerável tradição.

O ceticismo é uma atividade filosófica de investigação que se caracteriza pela ideia de suspensão do juízo. Enquanto os dogmáticos afirmam ou negam uma proposição relativa a um dado tema filosófico, os cétricos não afirmam ou negam proposição alguma. Por exemplo, eles não mantêm compromisso com nenhuma doutrina dogmática. De acordo com os cétricos, a oposição básica em filosofia se dá entre aqueles que endossam uma teoria filosófica e aqueles que, depois de terem investigado sobre a verdade, não aderiram a nenhuma resposta dada às perguntas em questão. Por isso, o ceticismo passou a ser considerado pelos filósofos dogmáticos como um grande desafio para seu projeto de encontrar a verdade. Tanto os epistemólogos, como os metafísicos se imbuíram da tarefa de superar o ceticismo para assim estabelecer suas próprias doutrinas. Portanto, veem-se constantemente filósofos dogmáticos tentando refutar o cétrico. Um dos critérios para que uma proposta filosófica seja aceita é determinar em que medida ela supera o desafio cétrico.

Este artigo é uma tradução do verbete escrito por O. Bueno e P. J. Smith sobre ceticismo na América Latina para a Stanford Encyclopedia of Philosophy (SEP). A tradução segue a versão do verbete nos arquivos da SEP: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/skepticism-latin-america/>
Esta versão traduzida pode diferir da versão atual do verbete, que pode ter sido atualizado desde a época de sua tradução. A versão atual encontra-se em: <http://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>
Agradecemos aos editores da Stanford Encyclopedia of Philosophy (SEP) a autorização da tradução e sua publicação na web.

Nos tempos antigos, o ceticismo tinha duas linhas principais: o pirronismo e o ceticismo acadêmico. Redescoberto na Renascença, o ceticismo se tornou um dos pilares da filosofia moderna, não somente depois que os cétricos modernos como Michel de Montaigne, Pierre Bayle e David Hume deram a ele um novo fôlego, mas também por causa das muitas respostas desenvolvidas por filósofos como Francis Bacon, René Descartes, George Berkeley e Immanuel Kant. Na tradição analítica, de G. E. Monroe e Bertrand Russell em diante, o ceticismo é um tema central de interesse. Essa história surpreendentemente longa mostra o quão profundo é o desafio cético, bem como o quão fascinante demonstra ser a postura cética.

Do mesmo modo que filósofos em outras partes do mundo, filósofos latino-americanos enfrentaram os desafios cétricos e dedicaram uma atenção profunda ao ceticismo. Eles adotam em grande medida o mesmo entendimento do ceticismo, partilham da mesma tradição histórica — de Pirro à filosofia analítica contemporânea — com a qual filósofos de outras regiões se comprometeram e conduzem o mesmo tipo de pesquisa que investigadores ao redor do mundo. O que é específico dos investigadores latino-americanos com relação ao ceticismo é o fato de que eles são, em geral, mais favoráveis ao ceticismo do que os filósofos em outras partes do mundo tendem a ser. Por consequência, encontram-se estudos não só sobre a história do ceticismo e crítica filosófica, como também desenvolvimentos de novas formas de ceticismo, que merecem ser considerados com maior cuidado.

1. Introdução

Talvez não seja mera coincidência que, em 1991, Oswaldo Porchat, um proeminente filósofo brasileiro, e, em 1994, Robert J. Fogelin tenham cunhado o termo “neopirronismo” para descrever suas respectivas posições filosóficas. Essa coincidência reflete tanto a crescente importância do estudo do ceticismo na filosofia latino-americana e anglo-americana, quanto uma atitude mais favorável com relação a essa venerável tradição.

Escrever sobre ceticismo na América Latina é mais difícil do que parece. Primeiro, os fenômenos a serem descritos são complexos e multifacetados. O interesse pelo ceticismo está espalhado nesta parte do mundo e não está de modo algum restrito a um país ou a um pequeno grupo de filósofos. Por um lado, a importância do ceticismo para a filosofia de cada país parece variar drasticamente de um país para outro. Por outro lado, a história dos estudos sobre o ceticismo em cada país tem seu próprio desenvolvimento interno, apesar das muitas conexões entre os vários países envolvidos. Em segundo lugar, o interesse pelo ceticismo na América Latina é tão recente que não se passou tempo suficiente para que alguma perspectiva sobre o assunto pudesse ser

elaborada. Talvez ainda seja muito cedo para se ter uma visão completamente equilibrada do ceticismo na região. Mas faremos o melhor para conseguir nosso intento.

Uma característica interessante do modo latino-americano de abordar o ceticismo é que ele não o considera como uma mera invenção de um oponente a ser refutado. Ao menos, não há um preconceito disseminado contra o ceticismo. Pelo contrário, muitos filósofos latino-americanos têm uma forte simpatia pela proposta cética, e até aqueles que não são eles mesmos céticos não pensam que uma tese filosófica está refutada se leva ao ceticismo, como se isso constituísse um tipo de *reductio ad absurdum* da suposição inicial. Para muitos filósofos latino-americanos, o ceticismo é ao menos uma posição sustentável *prima facie*. Isso não significa, é claro, que a maioria dos filósofos latino-americanos que trabalham com o ceticismo sejam céticos, mas certamente encontramos muitos que se consideram como tal. Até para aqueles que não são céticos, a importância do ceticismo filosófico é inegável e os filósofos latino-americanos têm se esforçado para entender cuidadosamente seu significado e sua relevância histórica.

A melhor maneira de apresentar o ceticismo na América Latina não é explicar como ele se desenvolve em cada país, mas sim relatar o que os filósofos latino-americanos disseram a respeito das questões céticas que chamaram sua atenção. Entretanto, começaremos apresentando um breve apanhado histórico e o pensamento de dois fundadores do trabalho latino-americano sobre o ceticismo: Oswaldo Porchat (Brasil) e Ezequiel de Olaso (Argentina). Deve-se ter uma atenção especial com seus trabalhos, uma vez que ambos, ao abrirem caminhos, também preparam o terreno para um entendimento apropriado do que acontece em todos os outros países da América Latina. Examinaremos, portanto, o que os filósofos latino-americanos têm dito acerca do ceticismo contemporâneo e da história dessa tradição filosófica. Nossa apresentação não se pretende completa e, ao sermos seletivos, foi impossível contemplar todas as propostas na área. Esperamos, contudo, proporcionar uma ideia razoável do que aconteceu e do que está ocorrendo no momento, a fim de situar o leitor e impulsionar pesquisas adicionais na área.

2. Contexto Histórico

Os estudos contemporâneos sobre o ceticismo começaram na América Latina graças ao trabalho de Oswaldo Porchat e Ezequiel de Olaso, um renomado historiador da filosofia argentino. Devido a seus trabalhos, o ceticismo atraiu uma quantidade significativa de atenção, ainda que um tanto dispersa, na América Latina. Ambos já estavam interessados no ceticismo antes de se conhecerem. Em 1968, Porchat deu uma palestra famosa, publicada no ano seguinte, na qual ele chamou a atenção para um problema cético básico que todo filósofo deveria tentar superar: o problema do conflito das filosofias (*grosso modo*, o fato de as doutrinas filosóficas frequentemente

divergirem em suas respostas a uma dada questão filosófica). Com um bacharelado em Estudos Clássicos e uma tese de doutoramento sobre a concepção de ciência de Aristóteles, não é de se surpreender que Porchat viesse a conhecer muito bem o ceticismo antigo. Sua perspectiva era filosófica e ele aproximava a sua própria experiência filosófica daquela dos cétricos antigos. Naquele mesmo ano, 1969, Olaso defendeu sua tese sobre Leibniz e o cétricos antigos no Byrn Mawr College (Pensilvânia). Nessa tese, ele demonstrou que Leibniz possuía um conhecimento profundo do ceticismo grego, cujos modos ele identificou claramente nos argumentos cartesianos. Assim, pode-se dizer que os estudos cétricos na América Latina começaram propriamente falando no fim dos anos 1960.

Em 1975, convidado por Porchat, Olaso veio ao Brasil e lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) até 1977. Este fato influenciou profundamente o desenvolvimento dos estudos sobre ceticismo em ambos países e até em outros países latino-americanos. Sua colaboração mútua provou ser bastante profícua. Filósofos interessados no ceticismo logo entraram em contato, uma vez que eles organizaram conferências iniciais sobre o assunto (em 1986, em Campinas, Brasil; em 1992, em Buenos Aires, Argentina. Infelizmente, nenhuma ata foi publicada). Ao longo dos anos, muitas outras conferências sobre ceticismo aconteceram (no Brasil, na Argentina e no México), nas quais filósofos de vários países participaram e coletâneas sobre ceticismo surgiram.

A influência de Porchat e Olaso foi enorme. Eles foram os fundadores do ceticismo na América Latina. Pode-se falar numa segunda geração que se uniu a partir dos anos 1990 porque eles abriram caminho primeiro. Filósofos no Brasil, na Argentina, no México e na Colômbia têm colaborado nos últimos vinte anos porque ambos iniciaram uma forma colaborativa do filosofar que foi preservada por seus discípulos. Apesar de Olaso, Porchat e alguns de seus discípulos estarem em contato com muitos outros filósofos de outros países e terem uma influência de grande alcance, não há uma explicação única e integrada para um interesse tão generalizado.

Não há dúvidas de que o ceticismo floresceu no Brasil como em nenhum outro país latino-americano. Talvez não seja indevido afirmar que o neopirronismo de Porchat é a mais importante contribuição do ceticismo latino-americano e que forneceu material para muitas das discussões sistemáticas que se seguiram. No Brasil, um grupo importante de filósofos próximos de Porchat se organizou país afora nos anos 1980 e eles se dedicaram não somente a compreender a história do ceticismo, mas também discutiram o ceticismo contemporâneo, ao desenvolvê-lo e criticá-lo. O grupo organizava conferências todos os anos, ocasionalmente até duas vezes por ano, e muitos livros, monografias e edições de coletâneas foram publicadas. Além disso, Porchat foi professor e orientador de muitos jovens filósofos, bem como uma referência para todos os outros filósofos

que estudavam o ceticismo. Até filósofos que não estavam interessados primordialmente no ceticismo acharam o modo de fazer filosofia do grupo bastante atrativo. Na realidade, o grupo convidava sistematicamente filósofos não-céticos a fim de enriquecer suas discussões. Como resultado, conforme o tempo passava, o grupo ficou cada vez maior.

Argentina, México e Colômbia também demonstraram bastante interesse no ceticismo e deram muitas contribuições importantes a ele, apesar de talvez não tão sistematicamente como no Brasil. Na Argentina, o trabalho sobre o ceticismo se manteve no princípio um tanto restrito a Olaso e a alguns historiadores de filosofia moderna próximos a ele. Em seguida, houve um crescente interesse na Argentina, dessa vez de filósofos pertencentes à tradição analítica, os quais estavam (e ainda estão) em contato com o grupo brasileiro, dando, mais recentemente, um novo impulso ao estudo do ceticismo antigo.

No México, há também um profundo interesse pelo ceticismo. A história do ceticismo não foi negligenciada, como pode-se apreender dos trabalhos de Laura Benitez e José Antonio Robles, entre outros, ambos os quais trabalharam com Olaso (e Popkin). Seu foco estava no ceticismo moderno. Alguns filósofos mexicanos que trabalhavam dentro da tradição kantiana concentraram-se nos argumentos transcendentais como armas contra o ceticismo. Outros trabalharam com o ceticismo contemporâneo em conexão com essas questões, tais como o disjuntivismo e a percepção. Por fim, o ceticismo e suas conexões com o falibilismo e conceitos céticos e epistêmicos, tais como *dúvida* e *certeza*, foram um tema maior para alguns filósofos mexicanos.

Houve também algum interesse no ceticismo em muitos outros países, mais notavelmente na Colômbia. Normalmente, esse interesse está ligado a um autor clássico, como Descartes, Hume ou Kant, ou com um filósofo analítico, como Wittgenstein ou Dennett. Ultimamente, surgiu também um interesse no ceticismo antigo. Em outros países como o Peru, Chile e Uruguai, o interesse pelas questões céticas é mais esparso. Não se encontra nada além de um interesse minoritário ou incidental, ou pela história do ceticismo, ou pelas questões epistemológicas atuais que têm relação com o desafio cético.

3. A Redescoberta do Ceticismo

O estudo e a difusão do ceticismo na Argentina e em outros países, como o Brasil e o México, deve-se em grande parte a Ezequiel de Olaso. Quando Olaso morreu, Porchat observou que, apesar de não ser ele próprio um cético, Olaso “era de fato o pai do ceticismo brasileiro” (Porchat 1997). Mas sua liderança e influência era vasta, como Popkin atestou:

Ezequiel de Olaso foi um dos mais proeminentes historiadores de filosofia. Ele contribuiu enormemente para o aumento do interesse em uma vasta gama de tópicos na história da filosofia através de seus escritos, da docência e de suas palestras na América Latina, na América do Norte e na Europa. (Popkin 1997)

Olaso lecionou em várias universidades na Argentina e em outros países. Sua tese não foi publicada, mas muitos de seus escritos resultaram dela. Olaso escreveu um grande número de trabalhos importantes sobre ceticismo antigo e moderno. Ele explorou muitos autores do século XVII e XVIII: Hume, Benito Jerónimo Feijoo, Rousseau, Hobbes e Leibniz. Esses avanços foram sintetizados por Olaso (1994). Muitos de seus trabalhos se concentraram no ceticismo de Hume. Olaso argumentava que Hume era cético acadêmico, e não pirrônico, como Popkin supusera. Acima de tudo, seu estudo sobre alguns autores fez Popkin rever sua interpretação de que, fora Hume, não havia interesse algum no ceticismo durante o século XVIII.

O trabalho de Olaso não se limitou à presença do ceticismo na filosofia moderna. Ele também dedicou seus esforços para interpretar alguns conceitos do léxico principal do ceticismo. Ele não somente se interessava pelo ceticismo do ponto de vista histórico, como também de uma perspectiva filosófica: ele reagiu com vigor à coerência da posição cética em “Zétesis” (Olaso 1988), um artigo detalhado sobre o pirronismo antigo, no qual demonstrou uma compreensão refinada da postura filosófica e uma atitude altamente crítica com relação à concepção pirrônica de investigação. Sua avaliação do conceito de *zétesis* foi de grande influência. Olaso interpretou-a como uma investigação cujo objetivo era a suspensão do juízo, o que definia o pirronismo, e contrastava com a investigação aberta conduzida por cétricos acadêmicos e modernos, cujo objetivo é a verdade. Dentre suas contribuições, encontra-se também a distinção entre o conceito de *dúvida*, ou suspensão da mente, e o conceito de *epokhé*, ou suspensão do juízo, o qual seria a atitude apropriada ao cético, pois estaria além da própria dúvida e tentaria superá-la. Essas novas interpretações foram parte de seu debate com investigadores de peso como A. Naess, R. Chisholm, B. Mates, M. Frede e, logicamente, Porchat, a fim de encontrar uma forma aceitável de ceticismo contemporâneo. Baseado na distinção de Ortega y Gasset entre crença e conhecimento, ele propôs novas versões para as noções de Moore de senso comum e certeza (Olaso 1975a) e a análise crítica conduzida por Wittgenstein (Olaso 1999).

O trabalho de Olaso sobre o ceticismo abriu duas linhas, que foram seguidas por muitos filósofos, seja por sua influência direta sua ou não. Em primeiro lugar, o ceticismo emergiu como um problema epistemológico e, sob a luz da virada linguística, ele se encarregou da tarefa de reinterpretar e dar sentido a essa postura filosófica. Em segundo lugar, deu início a uma

investigação rigorosa e refinada da história do ceticismo; em especial do ceticismo moderno, mas também das duas versões de sua forma antiga.

4. Neopirronismo

Agora é o momento de apresentar mais detalhadamente o neopirronismo de Porchat, uma vez que este é provavelmente a mais importante contribuição ao ceticismo latino-americano. Seu trabalho seminal, “Sobre o que Aparece”, foi publicado em 1991 e estabeleceu as fundações e o perfil de sua postura cética. Posteriormente, em vários trabalhos, ele explorou mais as ideias principais, corrigiu pormenores, desenvolveu novos aspectos e escreveu alguns textos introdutórios mais acessíveis.

Um dos méritos do neopirronismo de Porchat é fornecer uma postura filosófica articulada e abrangente que é passível de se adotar. O ceticismo não é, como normalmente é apresentado em círculos epistemológicos, uma mera dúvida sobre este ou aquele tema que deveria ser suplantada. Ou seja, não é uma dúvida metodológica ou um expediente para fortalecer uma posição dogmática. Para a maioria dos filósofos que se ocupam do ceticismo, a coerência e a inteligibilidade da posição cética não é de fato importante. Qualquer dúvida, não importando o quão disparatada, pode ser útil caso permita ao filósofo aprender algo sobre uma questão. Mas Porchat não pensa assim. Para ele, o ceticismo é uma postura plausível e articulada por alguns filósofos. Seu neopirronismo também não está confinado a uma ampla doutrina epistemológica, uma vez que deve ser uma atitude filosófica abrangente, a qual inclui aspectos epistemológicos, mas não está restrita a eles.

Deve-se salientar também que seu neopirronismo deve ser cuidadosamente distinguido do ceticismo cartesiano. Porchat deixa claro que as *aporiai* neopirrônicas são um tipo de argumento diferente das dúvidas cartesianas. Em particular, o neopirronismo não está comprometido com o mentalismo (a doutrina na qual se concebe a mente e suas representações como sendo independentes do corpo) e não deixa brecha para nenhum tipo de solipsismo. Assim, a maior parte das críticas dirigidas ao ceticismo cartesiano não se aplica ao neopirronismo.

O neopirronismo tem duas partes: uma negativa e outra positiva. Os dois conceitos mais importantes da parte negativa são *diaphonía* (o conflito entre as várias doutrinas filosóficas) e *epokhé* (a suspensão do juízo). Para Porchat, a *ataraxía*, ou tranquilidade da mente, não é um elemento essencial do pirronismo e tem mais interesse histórico. Posto o conflito entre as filosofias, Porchat tira a conclusão cética: ao ser genuinamente incapaz de escolher entre as várias visões filosóficas, ele suspende seu juízo, argumentando com vigor que o desacordo entre filosofias é indecível. Até mesmo sua anterior “filosofia da visão comum do mundo” (Porchat

1975, 1979) não é capaz de resolver ou evitar o conflito. O conflito envolve não só o dogmatismo dos filósofos da visão comum do mundo, mas também o das pessoas comuns. Entretanto, nem todos os filósofos são parte do conflito, uma vez que algumas filosofias não são dogmáticas, pois não pretendem definir a natureza última das coisas.

Porchat (1993) distingue dois tipos de argumentos céticos: o dialético e o empírico. Esta é uma contribuição significativa do neopirronismo de Porchat ao ceticismo. Consideremos primeiramente os argumentos dialéticos. O modo da *diaphonía*, no neopirronismo de Porchat, é crucial. Mas, é claro, Porchat também considera os outros modos de Agripa como armas céticas importantes contra o dogmatismo. Sobretudo, reconhece que, para o pirronismo antigo, o método cético das antinomias (argumentar a favor e contra com igual persuasão) é indispensável contra a afirmação dogmática de que algumas doutrinas e argumentos são mais fortes do que outros. Ou seja, o método é indispensável para neutralizar aquela experiência dogmática de argumentos desequilibrados, ao tornar mais fortes os argumentos mais fracos. Através da argumentação em favor dos dois lados de uma questão, o cético os experimenta como tendo igual força. Por que eles parecem igualmente fortes na experiência intelectual do cético? Pela seguinte razão: qualquer critério proposto para decidir uma questão será ele próprio parte da disputa, e o desacordo sobre ele ressurgirá. Os céticos não se comprometem com esses argumentos dialéticos, apenas usando o que os dogmáticos admitem contra o dogmatismo. Todo seu propósito se concentra na indução da suspensão do juízo nos dogmáticos enquanto mantêm ainda sua própria *epokhé*.

Há, contudo, uma outra rota para a suspensão do juízo. Os céticos podem utilizar argumentos que eles podem endossar, os quais levam à conclusão de que se deve suspender o juízo. Como vivem suas vidas normalmente como qualquer outra pessoa, os céticos (pirrônicos) também raciocinam como qualquer outra pessoa. Eles podem buscar por conjunções de fenômenos no mundo, estabelecer correlações empíricas e inferir a presença de fogo devido à fumaça ou a ocorrência de uma ferida pela presença de uma cicatriz. O raciocínio empírico nos leva de um fenômeno a outro. Não seria poderia ocorrer que argumentos empíricos possam levar à suspensão do juízo? Esses argumentos têm como premissa o que é aparente e não indicam uma conclusão além dos fenômenos, uma vez que a *epokhé*, sua conclusão, é uma experiência intelectual. De acordo com Porchat (1993), os modos de Enesidemo são argumentos empíricos, e não dialéticos, que conduzem à *epokhé*.

Com relação à parte positiva, o neopirronismo dá um relato detalhado da noção crucial de *phainómenon*. Porchat pensava, numa fase anterior, que o *phainómenon* deveria ser identificado ou assimilado à *phantasia* (Porchat 1985, 1986). Isso explica por que ele um dia interpretou essa noção como se implicasse alguma forma de mentalismo; o que aparece era concebido como

representação mental. Posteriormente, ele rejeitou essa identificação (Porchat 1991). Em sua nova interpretação, o *phainómenon* é mais bem explicado por outra noção crucial: *bíos*, ou a vida comum. No fim das contas, diz Sexto Empírico, o que aparece é o *bíos*. Portanto, a explicação de Sexto do critério de ação do cético é também uma explicação da noção de *phainómenon*. Ao prestar atenção às quatro partes das observâncias diárias, pode-se compreender melhor o que é o *phainómenon*. Ao mesmo tempo, a vida comum deve ser entendida como o que é aparente (o que aparece para aqueles que a vivem), não como a realidade em si.

De acordo com Porchat, fenômenos são um tipo de resíduo da suspensão do juízo, são o que restou depois que suspendemos o juízo com relação ao discurso dogmático. E uma vez que o dogmatismo é deixado para trás, a vida é o que nos resta. Os fenômenos se impõem para nós e não cabe a nós aceitá-los ou não. Poder-se-ia dizer que o fenômeno é o que nos é “dado”, mas isso é um equívoco, pois num sentido ele não é de forma alguma “dado”. Primeiramente, Porchat afirmou que a linguagem é um tipo de ingrediente constitutivo dos fenômenos e que a linguagem permeia toda nossa experiência (Porchat 1991). Depois disso, talvez para evitar alguma conotação kantiana ou idealista, ele preferiu falar em uma associação entre o que aparece e a linguagem (Porchat 1995, 2003). Assim, os fenômenos estão impregnados por linguagem, e não nos são “dados”.

Um comentário importante que Porchat faz com relação aos fenômenos é o de que eles estão sempre relacionados a alguém. De fato, eles podem ser pessoais ou públicos. Algo pode aparecer para alguém ou para várias pessoas, talvez até para todos nós. Por exemplo, pode parecer para você agora mesmo que você está lendo este artigo; pode parecer para muitos de nós que Brasília é a capital do Brasil; e pode parecer para todos nós que há árvores no mundo. Aqui pode-se notar que não há tendência solipsista no neopirronismo, uma vez que muitas pessoas de fato compartilham os fenômenos. Percebemos que o solipsismo não é uma tendência inerente ao neopirronismo devido às conexões entre os fenômenos e a vida cotidiana. Afinal, o que aparece para nós são objetos e eventos no mundo, que integram a vida que todos nós vivemos.

Outra consideração é que os fenômenos são sensíveis ou intelectuais. Quando algo aparece para os sentidos, tal como a percepção de uma mesa, esse é um fenômeno sensível; quando aparece para o intelecto, como uma lei, é um fenômeno intelectual. Para Porchat, não há uma divisão precisa entre esses dois tipos de fenômenos, mas uma continuidade que admite graus. Um fenômeno sensível também tem um aspecto intelectual: quando você vê uma mesa à sua frente, na própria ideia de mesa está incluído algo que vai além do que está presente em suas modalidades sensoriais. Entretanto, apesar de Porchat não desenvolver esta ideia explicitamente, a maioria dos fenômenos intelectuais parece remeter a algo sensível ou, pelo menos, ter algo sensível em sua

origem. Portanto, muitos fenômenos são usualmente de um tipo, sempre incluindo neles um aspecto sensível e um intelectual. Mais recentemente, contudo, Porchat abandonou essa doutrina e, agora, prefere distinguir entre os dois tipos de fenômenos (Porchat 2013).

A interpretação que Porchat faz do pirronismo parece mais próxima da de Frede (1997) do que da de Burnyeat (1980). Parece que, tanto para ele como para Frede, os cétricos têm muitas crenças na vida cotidiana, mas não estão comprometidos com crenças filosóficas (crenças com relação à verdade acerca de várias visões filosóficas acerca do mundo). Seu neopirronismo, portanto, seria uma forma urbana de ceticismo (cf. Barnes 1992). Entretanto, a própria distinção na base da disputa entre Frede e Burnyeat pressupõe o que Porchat rejeita: um contraste entre filósofos e pessoas comuns. De um ponto de vista neopirrônico, ambos são normalmente, embora não sempre, dogmáticos: a maioria dos filósofos é dogmática bem como o são as pessoas comuns; os filósofos dogmáticos só tendem a ser mais refinados em alguns de seus conceitos.

A distinção crucial é entre o dogmatismo e o não-dogmatismo. Por vezes, pessoas comuns não são dogmáticas, nem alguns filósofos, como os cétricos (pirrônicos). Para Porchat, muitos filósofos contemporâneos são cétricos ou têm uma tendência cética sem sabê-lo (Porchat 2001). Assim, o que importa para um neopirrônico não é se o cético tem ou não quaisquer crenças ou só crenças comuns, mas sim se os cétricos têm ou não crenças dogmáticas (relativas ao *ádelá*) ou crenças não-dogmáticas (relativas ao que aparece, ou seja, ao mundo do *bíos*). Frede teria errado no que tange ao alcance da *epokhé* por não ter entendido adequadamente a noção de *phainómenon* (Porchat 1991).

Assim, a distinção neopirrônica básica é entre os fenômenos e o que é dito sobre eles. O discurso dogmático é *sobre* os fenômenos. Quando dizem “rosas são vermelhas”, os dogmáticos querem dizer “rosas são *realmente* vermelhas” e têm uma teoria para explicar em que consiste essa suposta realidade. Assim sendo, eles não estão mais tratando do mundo, mas de uma outra realidade postulada por sua teoria. Ninguém discute se uma rosa aparece vermelha, mas sim se ela é realmente vermelha. Contudo, nem todo discurso é sobre fenômenos e alguns apenas *expressam* os fenômenos. É assim com a linguagem cotidiana no dia a dia e esse é o mesmo uso da linguagem feito pelos neopirrônicos: eles usam a linguagem para expressar o que aparece para eles (ou para nós, no caso de um fenômeno comum), mas não para afirmar como as coisas realmente são. Assim, “rosas são vermelhas” expressa como as rosas aparecem para nós e, nesse sentido, os neopirrônicos podem até dizer que é *verdade* que as rosas são vermelhas e que *sabemos* disso. Portanto, o neopirronismo não é, num dos sentidos da palavra, uma forma de relativismo, uma vez que aceita um conhecimento objetivo acerca do mundo.

Outros dois conceitos pirrônicos são elaborados pelo neopirrônico em sua parte positiva: *haíresis* e *zétesis*. Segundo Porchat, os neopirrônicos têm uma doutrina ou “uma visão cética do mundo”. Essa visão cética do mundo é uma elaboração de como as coisas aparecem para os neopirrônicos. O discurso cético deve ser considerado como uma expressão dos fenômenos. Portanto, os neopirrônicos podem articular explicitamente sua própria visão do mundo. Uma vez que a maioria dos fenômenos são comuns — especialmente aqueles que dizem respeito a questões filosóficas — os neopirrônicos tentarão explicitar suas formas de pensar, pelo menos como eles as veem.

Por último, deve-se notar que os neopirrônicos são empiristas, mas seu empirismo é aprimorado pela atual filosofia da ciência. Por exemplo, eles podem endossar o método hipotético-dedutivo. Para eles, é possível explorar o mundo empiricamente e, em sua visão cética do mundo, podem incorporar resultados científicos. Por exemplo, achamos que a Terra se move, e não achamos mais que a Terra é o centro do universo. Os resultados científicos podem e têm impacto significativo em nossa visão do mundo, a dos neopirrônicos inclusa. Porchat chegou ao ponto de distinguir entre um realismo filosófico e um realismo científico (Porchat 1991, 1994), ao afirmar que os neopirrônicos não precisam ser instrumentalistas, mas poderiam defender o realismo científico, mas não o realismo filosófico, é claro. Se há um conhecimento objetivo do mundo comum, parece que as ciências podem aprimorar esse conhecimento sendo guiada por um método experimental como o hipotético-dedutivo. A *zétesis* neopirrônica não é somente uma investigação filosófica para destruir o dogmatismo, como no caso de Sexto, mas também uma exploração empírica do mundo dos fenômenos.

5. Reações ao Neopirronismo

O neopirronismo provocou muitas reações diferentes no Brasil e por toda a parte. Dado que é impossível revê-las todas aqui, nosso intuito aqui será dar uma ideia geral sobre elas.

A primeira reação importante veio de filósofos que se ocupavam do conhecimento científico. Hilan Bensusan e Paulo Souza (1994) acreditavam que o pirronismo era uma filosofia ultrapassada. Em face da ciência contemporânea, o pirronismo não mais seria uma alternativa viável, pois não possuía os conceitos adequados para explicar essa ciência. Portanto, o desenvolvimento da ciência em formas imprevisíveis é uma objeção ao neopirronismo. Luiz Henrique de Araújo Dutra (1993, 1995, 1996, 1997b), ao criticar a concepção de ciência de Porchat, acabou propondo uma outra posição cética, a qual ele chamou de “ceticismo alético”. Dutra pensava que a noção metafísica de verdade era indispensável à pesquisa científica. Ambos sustentavam que a ciência moderna estabelece teorias que não podem ser postas em dúvida pelo

neopirrônico. Otávio Bueno tem uma proposta mais afinada com o ceticismo e desenvolve uma abordagem neopirrônica à ciência moderna através de uma associação com a visão de van Fraassen (Bueno 2015). O empirismo neopirrônico destaca a noção de adequação empírica.

Um segundo tipo de resposta foi dada por aqueles que gostariam de desenvolver ou aprimorar os aspectos básicos do neopirronismo. Alguns, como Plínio Junqueira Smith (1995b), tentaram depurar o neopirronismo daquilo que ainda se assemelhava a uma noção dogmática. Por exemplo, a ideia de que o dogmatismo é uma doença e de que o cético (pirrônico) oferece um modo de vida melhor ao curar os dogmáticos de sua doença pode ser mero preconceito. Enfim, a ideia cética de cura talvez seja dogmática. A noção de vida comum como usada pelo neopirrônico também parece ser uma herança da “filosofia da visão comum do mundo” de Porchat (Porchat 1975, 1979), já que a visão cética do mundo tem um inegável aspecto pessoal. Waldomiro José da Silva Filho explorou, por um lado, as dificuldades céticas na vida comum negligenciadas pelo neopirrônico (Silva Filho 2015) e, por outro, as dificuldades com o autoconhecimento, desse modo tentando expandir o neopirronismo para assuntos não abordados por Porchat (Silva Filho 2007, 2008).

Outra discussão importante pretendia corrigir e aprimorar a visão de verdade neopirrônica nas questões tratadas pelo neopirronismo. Num relevante trabalho, Porchat desenvolveu uma doutrina cética da verdade (Porchat 1995). De acordo com Porchat, uma vez livre da noção metafísica de realidade, os neopirrônicos podem defender uma teoria da verdade que seria correspondencialista: o que dizemos e o que aparece estariam correlacionados em nossa experiência. Aparentemente, há uma ligação entre o que dizemos e o que aparece para nós. Entretanto, Eduardo Barrio (2000) acredita que a única alternativa para o neopirrônico é adotar uma teoria deflacionista da verdade — como a teoria da redundância — e que qualquer teoria da correspondência implicaria em dogmatismo.

Uma evolução inesperada e importante do neopirronismo veio de filósofos que também se ocupavam da filosofia política. Eles estavam interessados em saber qual seria a proposta cética (pirrônica) para a política. Porchat (em conversas) sempre foi claro com relação a essa questão, sustentando que o cético poderia aderir a qualquer doutrina política, incluindo as radicais: de extrema direita à extrema esquerda. Afinal, o ceticismo não excluiria nenhum conteúdo dos *phainómena*. Mas a maioria acredita que nem todas as alternativas estão acessíveis para a posição cética. Renato Lessa (1995) argumenta que o neopirrônico seria liberal; Paulo Jonas de Lima Piva (2002) acredita que ele poderia ser social-democrata ou socialista; Cícero Romão Araújo (2007, 2008) associa a noção de ceticismo à noção de cidadania. Esse debate abriu uma nova linha de pesquisa no que diz respeito ao ceticismo.

Muito recentemente, uma crítica interna ao neopirronismo surgiu, que merece ser mencionada. Vítor Hirschbruch Schwartz (2015) e Diego Machuca (2013a) argumentam em favor de uma versão rústica do neopirronismo, segundo a qual os pirrônicos não teriam crenças e extraem todas as consequências advindas do ataque cético ao dogmatismo. Uma posição verdadeiramente cética destruiria todas as crenças, fossem elas ordinárias ou filosóficas. Nessa linha, Schwartz e Machuca consideram-se neopirrônicos rústicos e não aceitam o neopirronismo de Porchat com suas crenças não-dogmáticas.

Mas houve muitas críticas externas cuja intenção era rejeitar o neopirronismo. Roberto Bolzani Filho elaborou uma crítica incisiva ao neopirronismo de Porchat. Bolzani (1996, 2003) identificou na ideia de “filosofia saudável” do pensamento de Porchat uma espécie de “razão naturalizada” ou pressuposições dogmáticas. Poder-se-ia aplicar ao ceticismo o mesmo tipo de argumento que o cético usa contra outras filosofias. No fim, o ceticismo seria parte do conflito das filosofias que o neopirrônico tenta evitar. Bolzani também tentou demonstrar que, apesar da intenção de Porchat, o neopirronismo é uma forma ultrapassada de filosofar. Roberto Horácio de Sá Pereira (2003) apresentou uma resposta kantiana ao neopirronismo de Porchat. Ele apontou inúmeras dificuldades para a compreensão da concepção de fenômenos de Porchat e argumentou que uma solução aceitável viria somente de uma filosofia transcendental. Essas duas críticas, se consistentes, deveriam levar à reconsideração do neopirronismo. Mais recentemente, Pereira (2015) defendeu o realismo ingênuo contra o neopirronismo.

6. O Ceticismo Contemporâneo

Assim como em muitas outras partes do mundo, o ceticismo contemporâneo na América Latina lida com questões epistemológicas dentro da teoria analítica do conhecimento. Muitas estratégias anticéticas, como o contextualismo e o externalismo, mereceram uma análise cuidadosa de filósofos latino-americanos. A estratégia transcendental também atraiu a atenção de muitos filósofos interessados no ceticismo. Mas o ceticismo contemporâneo não está restrito somente à epistemologia, envolvendo-se mais amplamente com a filosofia analítica como um todo. Essa forma de filosofia se preocupa com a linguagem e, mais especificamente, a noção de sentido levou ao desenvolvimento de uma nova forma de ceticismo, conhecida como ceticismo do significado. Vamos rever algumas discussões sobre esses tópicos, a começar pelas conexões entre ceticismo e filosofia analítica.

Danilo Marcondes de Souza Filho (Brasil) desenvolveu alguns conceitos céticos baseando-se na visão pragmática da linguagem de Austin e também identificou muitas ideias em comum entre Wittgenstein e o pirronismo (Marcondes de Souza Filho 1988, 1996a,b). Desse modo,

Marcondes levava o pirronismo adiante, na mesma linha de Porchat. Outro trabalho inovador sobre o ceticismo que derivou da virada linguística foi o de Samuel Cabanchik (Argentina). Cabanchik estava interessado na possibilidade de uma forma linguística de ceticismo ou o ceticismo do sentido não só em Wittgenstein, como também em Aristóteles e Francisco Sanchez. Entretanto, seu foco principal era Wittgenstein, sobre o qual ele escreveu dois livros (2003, 2010) e muitos artigos (1990, 2008 a,b).

A preocupação de Marcondes e Cabanchik com a filosofia analítica e sua relação com o ceticismo foi um verdadeiro guia para outros filósofos. As conexões entre o ceticismo e a filosofia posterior de Wittgenstein foram ressaltadas por muitos acadêmicos. Plínio Junqueira Smith (1994) tentou demonstrar as muitas afinidades entre a filosofia posterior de Wittgenstein e o pirronismo antigo, para o qual Paulo Roberto Margutti (Brasil) (Pinto 1996a) levantou uma crítica. Na mesma linha, Guadalupe Reinoso (Argentina) (2006, 2008, 2009) chama nossa atenção para o valor do ceticismo tanto em Sexto como em Wittgenstein como uma *ars vivendi*: sua crítica ao encantamento da linguagem, a perspectiva anti-teórica e a concepção de filosofia como terapia. Madalena Holguín (Colômbia) (1997) e Raul Meléndez (Colômbia) (2014) também analisam as relações entre ceticismo e Wittgenstein. Pamela Lastres (Peru) (2011) tem empreendido recentemente um trabalho promissor sobre Wittgenstein e Moore, mas também sobre o ceticismo pirrônico. Vale também notar que Oscar Nudler (Argentina) (2010) desenvolveu o que ele chamou de “filosofia dos limites”, inspirando-se tanto em Wittgenstein quanto na consciência socrática de nossa ignorância, filosofia esta que, apesar de não ser propriamente cética, é uma doutrina ao menos intimamente associada ao ceticismo.

Mais recentemente, Glenda Satne (Argentina) (2003, 2005a,b, 2008) também tomou uma linha de pesquisa baseada em teorias analíticas do sentido e, mais especificamente, no ceticismo do sentido. Ela tem se ocupado de argumentos céticos derivados da semântica contemporânea, como o argumento de Quine a partir da indeterminação da tradução radical, o argumento baseado na teoria de modelos de Putnam, o argumento de Dummett a partir da manifestação de conhecimento linguístico e, sobretudo, os argumentos céticos de Kripke (ou Kripkenstein). O ceticismo do sentido foi o assunto de um livro muito bem fundamentado de Sílvio Mota Pinto (Brasil/México) (2009, 2014) e Efrain Lazos (México) (2002) também publicou artigos interessantes sobre Wittgenstein, Kripke e o ceticismo do sentido.

Destarte, a conexão entre o ceticismo e a filosofia analítica tornou-se um tema a ser mais profundamente explorado pelos filósofos latino-americanos. Porchat argumentara que a filosofia analítica contemporânea foi em grande medida cética sem sabê-lo. De acordo com ele, muitos filósofos analíticos não entendiam muito bem o que disseram os céticos e o que eles chamavam

de cético não correspondia ao ceticismo propriamente entendido. Se tivessem o conhecimento devido da história do ceticismo, talvez tivessem reconhecido a orientação cética de suas doutrinas. Contudo, não está claro se esse é o caso da filosofia analítica. Um debate que recebeu bastante atenção foi o de quanto esse ou aquele filósofo analítico estaria próximo do ceticismo. Por exemplo, contra a opinião de Porchat sobre Quine, Marcos Nascimento Bulcão (Brasil) escreveu um livro sobre o realismo naturalista de Quine, negando que ele fosse um cético (Bulcão 2008). Entretanto, a percepção de Quine como cético ainda resiste em alguns lugares.

Davidson é outro filósofo analítico cujas conexões com o ceticismo foram analisadas por filósofos latino-americanos. Eleonora Orlando (Argentina) (2000) escreveu um artigo criticando Davidson, pois sua concepção de linguagem acabaria, a despeito de suas intenções, num tipo de ceticismo semântico. Cristian Barturén (Peru), por outro lado, está interessado na crítica de Davidson ao ceticismo global. Otávio Bueno (Brasil/EUA) criticou a forma com que Davidson tenta responder ao ceticismo (Bueno 2005).

A relação entre P. F. Strawson e o ceticismo também foi analisada por inúmeros latino-americanos estudiosos do ceticismo contemporâneo ou da filosofia analítica. Talvez a contribuição mais importante venha de um grupo mexicano. Falaremos mais sobre eles adiante, quando discutirmos os argumentos transcendentais como uma estratégia anticética. Sergio Sánchez (Argentina) (2006), Marco Franciotti (2009) e Plínio Junqueira Smith (2015) também trabalharam acerca desse tema.

Outros filósofos analíticos se envolveram com o assunto mais a fundo. Para dar apenas um exemplo, Miguel Fernández (México) (2014) criticou a incoerência da epistemologia anticética da atribuição da crença desenvolvida por Crispin Wright. De acordo com Fernández, Wright pretende combinar duas *desiderata* numa única estratégia anticética, ou seja, um elemento *concessivo* ao cético, por um lado, e um elemento de *resgate*, por outro. Entretanto, ele argumenta, essa combinação é impossível.

Talvez deva-se notar que o ceticismo contemporâneo também se desenvolveu em outras tradições filosóficas, não só na tradição analítica. Sob a influência de Wittgenstein, mas também de Stanley Cavell, Mario Gensollem (México) (2006) explorou o papel do ceticismo não só na filosofia, mas também na vida diária. Ele acabou concordando com a tese cavelliana de que o ceticismo filosófico é a melhor expressão da finitude intrínseca da natureza humana. Sergio Sánchez (Argentina) (2006) chamou atenção não só para a análise de Strawson dos argumentos céticos, mas também para a de Heidegger. Jônadas Techio (Brasil) (2013) também investigou, de um ponto de vista cavelliano e heideggeriano, a importância do ceticismo filosófico.

As preocupações céticas estão geralmente ligadas a questões epistemológicas. Encontramos no México um grupo de filósofos que têm uma forte conexão com o ceticismo. Eles chegam ao ponto de propor novas formas de ceticismo. Armando Cíntora (México) (2010), por exemplo, sustenta uma posição pirrônica na filosofia da ciência. De acordo com Cíntora, um pirronismo metodológico seria de grande ajuda para livrar os cientistas de dogmas que os limitam quando tentam desenvolver suas pesquisas científicas. Exatamente como no caso de Sexto, Cíntora argumenta que esse tipo metodológico de pirronismo não é uma paralisia epistêmica: cientistas pirrônicos podem praticar ciência, visto que eles estão conscientes do caráter não-dogmático (temporal) de seus princípios ontológicos, metodológicos e semânticos. Um reconhecimento assim os manterá seguros de uma perspectiva dogmática.

Jorge Ornelas (México) (2012, 2014a; Cíntora e Ornelas 2013a), um membro mais jovem do grupo, concentrou-se nas principais estratégias anticéticas da filosofia contemporânea (o contextualismo, a epistemologia da atribuição de crença, o dogmatismo, a abordagem transcendental, o externalismo etc.). Ornelas tentou demonstrar que nenhuma dessas estratégias tem sucesso ou abalam o desafio cético tradicional, principalmente porque falta a elas um conhecimento satisfatório das motivações por trás da problemática cética, incorrendo num duplo erro: elas não só não conseguem erradicar as motivações básicas por trás do ceticismo, mas também não atentam para o fato de que a problemática cética tradicional surge somente para teorias e conceitos do conhecimento que não ameaçam atribuições de conhecimento ordinárias.

O falibilismo e o ceticismo foram temas de alguns artigos escritos por Guillermo Hurtado (México). Hurtado (2002a) defende que, apesar de essas posições estarem intimamente relacionadas, deve-se mantê-las afastadas. Ele refuta o falibilismo por ser revisionista. Em seguida, argumenta em favor do uso de termos epistêmicos mais detalhados. Segundo Hurtado (2005), deve-se diferenciar os vários sentidos de “dúvida”, introduzir a noção de “suspeita”, e aceitar graus variados de certeza. Sua ideia básica é enriquecer o vocabulário epistemológico, incluindo termos céticos mais sofisticados.

Muitos, não resta dúvida, rejeitam a posição cética. Paulo Francisco Estrella Faria (Brasil) (2007, 2012), por exemplo, se posicionou contra o ceticismo. Na realidade, ele acredita que o ceticismo está comprometido com uma espécie de idealismo, até mesmo no caso de Porchat e apesar de sua rejeição explícita dessa visão filosófica. De acordo com Faria, qualquer asserção implica uma reivindicação à verdade absoluta e se afirmam algo, como o fazem na vida cotidiana, então os céticos estão comprometidos com aquilo que seria melhor a eles que evitassem. Assim, a visão cética da linguagem não se sustenta e há um tipo de contradição pragmática na posição do cético. Essa crítica foi endossada por Roberto Horácio de Sá Pereira (Brasil) (2003, 2015).

Os trabalhos de Eleonora Cresto (Argentina) e Alejandro Miroli (Argentina) também se distanciam da posição cética. Cresto (1996, 1997) se concentrou nas estratégias anticéticas que advêm das posições naturalísticas, seja seguindo as linhas wittgensteinianas ou a de F. Dretske e outros fiabilistas. Miroli (2007, 2008, 2010), por sua vez, lidou com o ceticismo científico, tratando tanto de casos gerais quanto de casos de importância social. Ele também examinou o argumento das alternativas relevantes de Dretske e tentou determinar quais tipos de alternativas deveriam ser excluídas e quais podem ser negadas nas atribuições do conhecimento.

Uma série de outras estratégias epistemológicas foram colocadas sob análise criteriosa por epistemólogos latino-americanos. Eis aqui algumas delas. Diana Hoyos (Colômbia) (2006) trabalha com a teoria contemporânea do conhecimento, interligando os conceitos da responsabilidade epistêmica, os exemplos de Gettier e o ceticismo. Jorge Gregorio Posada (Colômbia) (2007) reagiu ao seu trabalho. Ignacio Ávila (Colômbia) (2003) confronta a tese de Davidson de que a maior parte de nossas crenças são verdadeiras com o correspondente desafio cético. Outra estratégia anticética popular é o contextualismo. Flávio Williges (Brasil) dedicou sua tese de doutoramento a esse assunto, da qual resultou um artigo (Williges 2013), e André Joffily Abath (Brasil) (2012) usa o contextualismo para refutar o ceticismo cartesiano.

Dentre as estratégias anticéticas, a que evoca considerações transcendentais merece atenção especial. Um grupo de filósofos no México é o de maior destaque no que concerne a essa resposta ao ceticismo inspirada em Kant e Strawson. Pedro Stepanenko (México) explorou o potencial anticético do conceito kantiano da unidade sintática a partir da percepção em muitos de seus artigos (2001, 2002a, 2006, 2007, 2008). De acordo com sua interpretação, essa unidade deveria ser considerada como a unidade de nossos estados mentais, a qual seria possível somente através de relações inferidas a partir de seus conteúdos. Essa unidade torna possível a autoconsciência que toda prática argumentativa exige. Se pudessemos suspender o juízo com relação a qualquer assunto, renunciaríamos ao estabelecimento de relações inferidas dentre os conteúdos dos nossos estados mentais. Nesse caso, não haveria unidade alguma de consciência, nem conhecimento sobre nossos estados mentais.

Nesse mesmo grupo kantiano, os trabalhos de Efraín Lazos (México) são notáveis. Lazos (2002, 2014) foi capaz de combinar o anticeticismo kantiano e wittgensteiniano a fim de produzir novas perspectivas sobre o desafio cético. Mais recentemente, Lazos recorreu a uma estratégia transcendental baseada nos trabalhos de Barry Stroud para demonstrar a força anticética dos argumentos transcendentais. Isabel Cabrera (México) (1999) editou um livro sobre argumentos transcendentais, o qual analisa a força e os limites desses argumentos como ferramentas contra o ceticismo. Cabrera (2002) também elaborou as relações entre o budismo e o ceticismo. Em

especial, ela demonstrou que tanto no budismo quanto no ceticismo de Hume há um ataque à noção de substância, e que essa ausência de comprometimento com as substâncias no entendimento que o indivíduo faz do mundo tem uma função terapêutica, a saber, evitar o sofrimento.

O chamado trilema de Agripa é um argumento importante para o ceticismo contemporâneo. Alguns filósofos latino-americanos tentaram responder a esse profundo e difícil desafio cético. José de Teresa (México) (2000, 2013, 2014) desenvolveu uma estratégia anticética inspirada na dialética platônica. De acordo com de Teresa, a estratégia de Platão tem efeito contra o trilema apresentado pelo cético, pois escapa às três alternativas em consideração.

Entretanto, dentre os modos de Agripa, o mais importante para o ceticismo latino-americano parece ser a *diaphonía* ou desacordo. Vimos como ele é importante para o neopirronismo de Porchat (1969, 1991, 1993). Recentemente, esforços foram feitos para comparar o modo cético de Agripa da *diaphonía* às reflexões contemporâneas sobre desacordo. Tem especial importância a ideia de Diego Machuca (Argentina) (2013) de que a *diaphonía* é diferente do desacordo. Machuca acusa de dogmatismo os epistemólogos contemporâneos que defendem que o desacordo leva à suspensão do juízo. Segundo Machuca, eles baseiam seus argumentos em princípios dogmáticos para alcançar a suspensão do juízo. É também digna de nota a defesa de Otávio Bueno (Brasil) aos recentes ataques feitos à *diaphonía*, tal como a crítica de Barnes (Bueno 2013). Bueno oferece uma interpretação de *diaphonía* livre dos problemas que surgem de interpretações errôneas. Talvez esse seja um outro tema no qual pode-se descobrir algumas contribuições originais dadas pelo ceticismo latino-americano. Houve também alguns esforços para estender o modo do desacordo no ceticismo contemporâneo para áreas lógicas (Barrio 2015), bem como algumas discussões acerca de juízos avaliativos e a noção de verdade relativa (Orlando 2014).

7. História do Ceticismo Moderno

A história do ceticismo também atraiu a atenção de muitos investigadores de toda a América Latina. Como na maioria dos lugares, a investigação histórica se inclinou para o período moderno, mormente o ceticismo cartesiano e humeano, ainda que muitos outros autores, como Montaigne, Bacon, Bayle e Kant, também estivessem em foco. Mesmo que os pesquisadores brasileiros tenham sido talvez os que mais tenham contribuído, não se pode negligenciar o enorme e difundido interesse pelo ceticismo moderno no restante da América Latina.

O trabalho mais importante sobre a história do ceticismo é provavelmente o de José Raimundo Maia Neto (Brasil), o qual trabalhou com Popkin. Maia Neto se interessou pelo

ceticismo primeiramente através de seu contato com Emilio Eigenherr, que lhe apresentou os trabalhos de Porchat (e Popkin), e, depois, com Danilo Marcondes. Sua principal contribuição foi a constatação de que o ceticismo acadêmico tinha uma função muito mais importante no ceticismo moderno do que a interpretação de Popkin reconhecia (Maia Neto 1997a, 2005, 2013a). De acordo com Maia Neto, Popkin enfatizou a importância do pirronismo para a filosofia moderna, mas negligenciou o fato de que o ceticismo acadêmico era amplamente conhecido e usado por muitos filósofos. Para defender sua interpretação, Maia Neto escreveu uma série de artigos sobre filósofos como Montaigne (Maia Neto 2004, 2012), Pierre Charron (Maia Neto 2014), Descartes (Maia Neto 2001), Gassendi (Maia Neto 1997b) e Pierre-Daniel Huet (Maia Neto 2008a,b). De fato, ele explorou o ceticismo moderno como um todo de Montaigne em diante, com textos importantes sobre Pascal (Maia Neto 1995), Bayle (Maia Neto 1996) e Hume (Maia Neto 1991).

Outra contribuição importante foi a de Luiz Antonio Alvez Eva (Brasil), que estudou detalhadamente os *Ensaio*s de Montaigne, publicou duas obras (2004, 2007b) e vários artigos no Brasil e em outros países (2001a, 2012, 2013a). Ainda no Brasil, Renato Lessa (Brasil) (1995, 2003) trabalhou com o ceticismo político de Montaigne, demonstrando que os céticos, ao reconhecer a função do hábito, seriam realistas em política. Smith (2012a), ao criticar a interpretação de Eva (o qual insiste nas afinidades entre Montaigne e os céticos antigos) tenta evidenciar mais diferenças. Na Argentina, empreenderam-se também estudos sobre o ceticismo de Montaigne. Além de Fernando Bahr (Argentina), a quem certamente retornaremos, Soledad Croce (Argentina) (2006, 2007), por exemplo, publicou vários artigos sobre o que ela considera como o ceticismo prático de Montaigne.

Luiz Eva (Brasil) (2006, 2008, 2011) também se concentrou nas relações entre Francis Bacon e o ceticismo. Ele propôs algumas interpretações criteriosas da Teoria dos Ídolos e dos argumentos céticos advindos do pirronismo antigo e de Montaigne e Sanchez. Ele expôs não só as origens céticas da maioria dos ídolos baconianos, mas também demonstrou como suas estruturas mudavam os Modos céticos, revelando assim o que havia de propriamente novo em Bacon. Silvia Manzo (Argentina) (2009) escreveu sobre o mesmo assunto, sustentando uma visão equilibrada, na qual há uma atitude dupla ao se considerar a ameaça cética. Mais recentemente, ela voltou ao tema (Manzo, inédito), promovendo uma reconstrução da recepção de Francis Bacon do ceticismo acadêmico. Ela trabalha com a avaliação do ceticismo antigo nos escritos de Bacon e argumenta que ele, por um lado, aprovava o estado de dúvida e a suspensão do juízo e, por outro, rejeitava a noção de acatalepsia. Plínio Junqueira Smith (Brasil) (2012b), ao se referir aos dois estudiosos, demonstrou que o foco principal de Bacon estava nas proposições “nada se sabe” e “nada se pode saber”, às quais ele dedicou uma atenção esmerada. Segundo ele, Bacon se utilizava

de armas céticas para rejeitar a filosofia tradicional como um todo (incluindo o ceticismo), e não só para criticar o dogmatismo, desse modo distanciando-se ele próprio do ceticismo.

Danilo Marcondes (Brasil) (2009, 2012) tem feito uma pesquisa original e importante sobre os Modos antigos e a descoberta do Novo Mundo. Essa descoberta ofereceu não só muito mais exemplos do mesmo tipo de diversidade com os quais os europeus estavam acostumados, mas também de uma diversidade de um tipo diferente, mais radical, que fortaleceu a potência dos Modos céticos. Esta é uma literatura ampla e rica ainda não explorada pelos acadêmicos da história do ceticismo.

Como era de se esperar, o ceticismo cartesiano é um dos principais objetos de estudo. Em quase todos os países encontramos pesquisadores tentando entender suas fontes, a natureza de seus argumentos, sua força e persuasividade. Uma contribuição decisiva, já ressaltada acima, é a de Porchat, o qual reservava um lugar especial na filosofia ao uso metodológico do ceticismo de Descartes. Na visão de Porchat nos anos 1980 (Porchat 1985, 1986), havia uma forte afinidade entre o ceticismo antigo e a dúvida cartesiana, de modo que se poderia falar num modelo cético-cartesiano. O problema do mundo externo se tornou, assim, uma questão crucial para aqueles preocupados com o ceticismo, porque pensava-se nele como um problema cético. Seguindo essa ideia, muitos outros filósofos no Brasil, como Paulo Francisco Estrella Faria (2007), Luiz Eva (2001b, 2013b), Alexandre Noronha Machado (2007a), Flávio Williges (2007), entre outros, escreveram artigos sobre o assunto.

No México, a preocupação com o ceticismo cartesiano foi por algum tempo o objeto predominante de pesquisa sobre o ceticismo. Uma razão para isso foi o contato do grupo de Laura Benítez (México) e José Antonio Robles (México) com Ezequiel de Olaso e Richard Popkin. Esse grupo se voltou fortemente para a obra de Descartes e a ciência moderna. Consequentemente, o ceticismo cartesiano ou ceticismo metodológico foi um tema importante para eles. Muitos membros do grupo partilhavam, talvez de forma implícita, da ideia de que a estratégia anticética cartesiana teve sucesso ao evitar consequências céticas desastrosas. Benítez (1987), por exemplo, dedicou muitos de seus trabalhos aos estudos cartesianos e explorou os aspectos metodológicos positivos do ceticismo cartesiano para o alcance da certeza plena, bem como a relevância do ceticismo para discussões acerca da natureza do conhecimento humano.

Algo parecido se ocorreu na Colômbia, onde Jean-Paul Margot (2003) e Adolfo León Gomez (2002) deram muita atenção ao ceticismo cartesiano. Foram também muito importantes as contribuições de Maurício Zuluaga, que analisou as interpretações contemporâneas do ceticismo cartesiano, especialmente aqueles baseados no princípio do fechamento (Zuluaga 2012), no trilema de Agripa (Zuluaga 2005) e nas relações entre o pirronismo e o ceticismo cartesiano

(Zuluaga 2014). Zuluaga publicou um livro importante que foi adaptado de sua tese de doutoramento (Zuluaga 2007) e, com Margot, editou uma coleção (Margot e Zuluaga 2012), na qual se pode encontrar artigos sobre ceticismo moderno, incluindo artigos sobre Montaigne, com a participação de pesquisadores da Colômbia e de outros países.

No Peru, também encontramos interesse na relação entre Descartes e o ceticismo. Jorge Secada (2000) empreendeu trabalhos sobre Descartes e Suarez, mas também se concentrou em Descartes no que diz respeito ao ceticismo. Humberto Quispe (1996) também pesquisou esse tema, mormente sob influência de Jorge Secada.

Foi dada alguma atenção ao ceticismo francês do século XVII, ainda que não como se gostaria. Além da já mencionada contribuição de José Raimundo Maia Neto (Brasil), os trabalhos de Flávio Fontenelle Loque (Brasil) (2012) e Fernando Bahr (Argentina) merecem ser destacados. O livro de Loque é sobre a relação entre ceticismo e religião, mais especificamente a própria noção de um ceticismo cristão. Ele dedicou atenção não só a Montaigne e Pierre Charron, mas também a François de La Mothe Le Vayer. Bahr (1999, 2000a,b, 2001, 2002, 2004, 2010) se concentrou principalmente em Pierre Bayle, cujos argumentos céticos tocam três questões principais: o problema do mal, as fundações da crença religiosa e a tolerância civil. Esses temas levaram Bahr a estudar tanto o século XVIII, ao examinar a influência de Bayle e Hume (esse foi o tema de seu doutorado), quanto a primeira metade do século XVII, concentrar sua atenção na relação entre La Mothe Le Vayer e Descartes. Plínio Junqueira Smith (2013) evidencia a importância do método cético no trabalho histórico de Bayle e em seu pensamento filosófico. Sébastien Charles (Québec, Canadá) (inédito a,b) também tem trabalho recentemente com alguns céticos franceses, a saber, Simon Foucher e Pierre-Daniel Huet. Sua pesquisa histórica segue a tendência atual, ao descobrir e investigar nomes menos conhecidos, mas que foram muito reconhecidos em sua época.

A reação de Berkeley ao ceticismo ou seu suposto ceticismo não passou despercebida, apesar de não ter recebido atenção suficiente. Uma exceção é José Antonio Robles (México). Robles (1996) demonstrou que a tese cética berkeleyana que rejeita a existência de substância material tem consequências importantes, tais como a rejeição de muitos outros problemas secundários: a indivisibilidade da matéria e a ideia de um Deus extenso. Jaimir Conte (Brasil) (2008) também explorou as conexões entre Berkeley e o ceticismo num importante artigo. Sébastien Charles (Québec, Canadá) (2003) escreveu um livro sobre a recepção inicial do imaterialismo de Berkeley na França. Àquela época, Berkeley era considerado o maior dos céticos, até que Kant pronunciasse Hume como ainda maior. Charles mostra, com assaz erudição, como criou-se essa imagem de Berkeley na França.

Não foi dada muita atenção ao ceticismo na filosofia materialista francesa do século XVIII. Contudo, Paulo Jonas de Lima Piva (Brasil) (2007, 2008a,b) trabalhou bastante esse assunto, com foco especial em Diderot. Sébastien Charles (Québec, Canadá) (2007) chamou atenção para alguns manuscritos clandestinos céticos, bem como para muitos céticos menos conhecidos do período, não só na França, como também na Alemanha. Charles (2012) e Rodrigo Brandão (2008) exploraram as relações entre Voltaire e o ceticismo.

Uma contribuição importante para entender o ceticismo de Hume foi dada por Plínio Junqueira Smith, a qual publicou um livro (1995a) sobre o assunto e vários artigos (2011 a,b). Sua ideia principal é a de que o debate entre o ceticismo de Hume e o naturalismo de Hume pressupunham uma falsa dicotomia. O que os comentadores chamam de naturalismo de Hume é o que o próprio Hume definia como seu ceticismo. Além disso, os comentadores tendem a pensar o ceticismo como uma doutrina meramente negativa, sem prestar atenção suficiente a seu lado positivo. Smith também dedicou esforços para demonstrar como o ceticismo mitigado de Hume estava ligado ao ceticismo antigo, em ambas suas formas, e ao ceticismo moderno. Deve-se também atentar para o trabalho de Livia Guimarães (Brasil) (1996, 2008), a qual dedicou a carreira ao estudo do pensamento de Hume, não só ao seu ceticismo, como também a muitos outros aspectos da filosofia do maior dos céticos modernos. A pesquisa acadêmica sobre Hume cresceu tanto no Brasil que não é possível detalhar sua condição neste espaço limitado.

O interesse no ceticismo de Hume não se restringiu ao Brasil. Lisandro Aguirre (Argentina) (2007, 2008, 2010 a,b), por exemplo, publicou muitos artigos sobre Hume. Seu principal argumento é que Hume segue o pirronismo justamente quando ele acredita evitá-lo; por exemplo, ao ser salvo pela natureza, ele não se considera pirrônico, quando na realidade essa seria a marca maior do pirrônico. Os argumentos céticos de Hume também são estudados na Colômbia, por Catalina González (2010, 2011), entre outros. O ceticismo de Hume talvez seja o que gerou um interesse peruano pelo ceticismo moderno. Ainda que estivesse ocupado sobretudo com a lógica, Juan Bautista Ferro Porcile (Peru) palestrou extensivamente sobre filosofia moderna, em especial sobre a tradição empírica e a vertente cética de Hume, sobre o qual ele publicou um artigo bastante influente.

As relações entre Kant e o ceticismo atraíram muita atenção na América Latina, acima de tudo no México. Já vimos acima que um grupo de filósofos, em especial Pedro Stepanenko (2002a, 2006, 2007), Efraín Lazos (2014), Isabel Cabrera (1999) e Jorge Ornelas (2005), combinaram interesse histórico com preocupações sistemáticas, produzindo assim inúmeras publicações sobre argumentos transcendentais e o ceticismo. Eles discutiram a obra de Wittgenstein, P.F. Strawson e Barry Stroud, entre outros, de um ponto de vista kantiano. Stepanenko, em particular, era mais

historicamente orientado. Roberto Horácio de Sá Pereira (2003) e Marco Franciotti (1994, 1995), no Brasil, seguiram um caminho parecido. Na Colômbia, Alejandro Rosas (Colômbia) (1990) deu início a essa linha de pesquisa com um artigo significativo. Trilhando esse caminho, Catalina González (Colômbia) (2010) desenvolveu um estudo histórico das relações entre Kant e suas fontes céticas antigas.

Mais recentemente, ainda no México, Ornelas (2014a, 2015) desenvolveu uma interpretação do anticeticismo kantiano, segundo o qual a “Refutação do Idealismo” não é relevante, como assume-se comumente, mas sim o “Quarto Paralogismo”. Plínio Junqueira Smith (2008a) sustenta uma visão similar, enquanto oferece também uma interpretação mais ampla. De acordo com Smith, Kant reagiu a três tipos diferentes de ceticismo moderno: o ceticismo cartesiano relacionado com o mundo externo (o qual Kant acabou por reconhecer, na segunda edição de *Crítica da Razão Pura*, como um problema idealista e não cético); o ceticismo Bayleano e as antinomias; e o ceticismo de Hume acerca da validade objetiva das categorias.

Luís Eduardo Hoyos (Colômbia) (2001) publicou o importante livro *El escepticismo y la filosofía transcendental*, no qual analisa o potencial argumentativo do argumento transcendental contra o ceticismo de Hume como este foi recebido no panorama filosófico alemão do século XVIII. As obras de Hoyos motivaram inúmeros filósofos colombianos a dedicar sua atenção a esse assunto e ao período. Ignacio Ávila (Colômbia) (1996) explorou a mesma via, enquanto Carlos Patarroyo (Colômbia) alinha-se à posição kantiana contra o ceticismo de Hume. Catalina González (Colômbia) (2011) elaborou a distinção entre o ceticismo acadêmico e o pirronismo em Kant.

Como muitos estudiosos perceberam a importância fundamental de Kant para o ceticismo moderno (e vice-versa), não deveríamos nos surpreender que muitos outros também salientaram o que hoje é chamado de ceticismo pós-kantiano. Talvez o primeiro estudo importante sobre o assunto tenha sido o de Luís Eduardo Hoyos (Colômbia) (1995), quando publicou sua tese de doutoramento, seguida de dois artigos (Hoyos 1998, 1999), aos quais Raúl Meléndez (Colômbia) (2000) respondeu. O interesse no ceticismo pós-kantiano está se espalhando. Eduardo Brandão (Brasil) (2013) dedica sua atenção ao ceticismo em filósofos como G.E. Schulze, Arthur Schopenhauer, e Fichte. Ricardo Cattaneo (Argentina) (2009, 2010) concentra-se tanto nas discussões sobre o ceticismo na filosofia kantiana e pós-kantiana (Jacobi, Schulze) quanto nas interpretações e incorporações do ceticismo em Hegel e no Idealismo Alemão. Luiz Fernando Barrère Martín (Brasil) (2007a,b, 2011) desenvolveu sua tese de doutoramento e alguns artigos sobre Hegel e o ceticismo.

Sergio Sánchez (Argentina) é uma referência importante para os estudos relacionados ao ceticismo nos séculos XIX e XX. Sánchez (2010) concentrou-se na presença do ceticismo em Nietzsche, especialmente a influência de Sexto e Cícero. Em seus artigos, um tópico importante é o da análise nietzscheana da crença e sua relação com o ceticismo. Em conexão com Nietzsche, Kathia Hanza (Peru) (2011) explorou os diferentes aspectos do ceticismo. Os trabalhos de Rogério Lopes (Brasil) (2006, 2012) sobre Nietzsche e o ceticismo, muito parecidos em espírito aos de Sánchez e Hanza, também merecem ser mencionados.

8. História do Ceticismo Antigo

O ceticismo antigo também atraiu bastante atenção, ainda que, como em quase todos os lugares, tenha recebido atenção menor do que o ceticismo moderno. Roberto Bolzani Filho (Brasil) publicou um livro (Bolzani 2013) e vários artigos sobre o assunto (Bolzani 1990, 1998, 2000, 2005a). Seu livro sobre o ceticismo acadêmico e o pirronismo foi escrito com minúcia, é muito bem fundamentado e apresenta uma descrição detalhada da relação entre essas duas formas de ceticismo antigo. Vítor Hirschbruch Schwartz (2012) defende uma interpretação rústica de Sexto. Estudos recentes estão se aprimorando, como demonstrado pelos trabalhos de Rodrigo Pinto de Brito (Brasil) (2014), sobre Sexto.

Mais recentemente, os estudos sobre o ceticismo antigo aumentaram, sobretudo graças aos trabalhos de Diego Machuca (Argentina) (2006a,b, 2009, 2013a). Sua tese de doutoramento foi sobre a ética de Sexto. Depois disso, publicou vários artigos e resenhas, bem como organizou eventos, tendo editado várias coleções importantes sobre a história do ceticismo (2011a,b, 2013b). É justo afirmar que ninguém mais do que ele alavancou o aprimoramento das pesquisas latino-americanas sobre ceticismo antigo. Junto com Duncan Pritchard, Machuca é o editor do *International Journal for the Study of Skepticism*. Assim, tanto por suas publicações pessoais quanto por seu envolvimento na organização da pesquisa, Machuca é figura de liderança no estudo do ceticismo antigo.

A Colômbia também deu sua contribuição para a área. Nos *Cuadernos de Filosofía y Letras* encontramos não só o primeiro livro dos *Esboços Pirrônicos* de Sexto Empírico, traduzido pelo filologista e helenista Jorge Páramo (1989), como também muitos artigos de pesquisadores como Popkin, Giorgio Tonelli, Porchat e Olaso, bem como uma análise sobre a importância do ceticismo filosófico por Carlos B. Gutiérrez (Colômbia) (1989). No México, Ornelas (México) (2013, 2014b) leu as obras de Sexto atentamente e encontrou recursos teóricos que poderiam ser úteis ao envolvimento com questões epistemológicas contemporâneas.

Os estudos sobre a história do ceticismo antes do período moderno não estão restringidos ao pirronismo e ao ceticismo acadêmico. Não se deveria deixar de mencionar o artigo de Maurício Pagotto Marsola (Brasil) (2007) sobre Plotino e o ceticismo, pois este é um aspecto bastante inusitado da filosofia de Plotino. Em conexão com as origens da filosofia medieval e, em especial, Agostinho e Descartes, Luis Bacigalupo (Peru) (1999) também realizou alguma pesquisa. Rodrigo Pinto de Brito (Brasil) (2015) tem trabalhado no impacto do ceticismo no pensamento cristão.

Deve-se também atentar para Mauricio Beuchot (México) (1996, 2003), o qual dedicou dois artigos ao ceticismo na Idade Média. Ele acredita que o ceticismo já atraía atenção mesmo antes da Renascença. Segundo ele, muitos autores medievais assumiram posições céticas. Dentre elas, o cristianismo platônico de Agostinho atraía o ceticismo acadêmico por sua teoria da iluminação, na qual Agostinho enfatizava a falibilidade do conhecimento humano. A teoria da dupla verdade de Averroes, de acordo com a qual há dois tipos de verdade (verdades para a ciência e verdades para a fé) também tem um tom um tanto cético, e aqueles que acreditavam que Deus talvez pudesse nos enganar estavam considerando um argumento cético (Ockham, Pedro Lombardo, Tomás de Aquino e Buenaventura, entre outros). Beuchot também lembra que Nicolás d'Autrecourt, um monge francês (1300 - 1350 aproximadamente) ativo na Universidade de Paris, antecipara o ceticismo de Hume com relação à causalidade.

9. Ceticismo e literatura

Talvez alguns outros estudos sobre a história do ceticismo devam ser mencionados. De um lado, há alguns estudos literários. Machado de Assis, um dos melhores escritores brasileiros, foi considerado um cético por muitos. Uma das razões é que Machado leu e usou extensamente o ceticismo de Montaigne. José Raimundo de Maia Neto (1994) publicou um livro sobre o assunto. O que esse livro traz de novo foi a primeira discussão sobre o ceticismo de Machado baseado na história do ceticismo. Paulo Roberto Margutti Pinto (2007) e Gustavo Bernardo Krause (2007a) discutiram a interpretação de Maia Neto, e Maia Neto respondeu a eles. Krause é um romancista brasileiro e professor de literatura que publicou muitos livros e artigos sobre o ceticismo e a literatura (Krause 2004), sobre Machado (2006) e outros escritores, como o renomado poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade (Krause 2007b). Por outro lado, Paulo Roberto Margutti Pinto tem estudado a história do pensamento brasileiro, na qual vê um papel importante do ceticismo, muito antes de Porchat tê-lo trazido à luz. Em (Pinto 2010), ele defende a influência de Francisco Sanches no pensamento colonial brasileiro. Uma das razões para o sucesso de Porchat é que aparentemente o pensamento brasileiro sempre tendeu, pelo menos em alguns lugares, ao ceticismo. Machado de Assis não seria uma exceção.

Referências bibliográficas:

- Abath, André Joffily. (2013) “Como vencer uma batalha com o cético: um guia contextualista”, in Silva Filho, W.J., and Smith, P. J. (eds.) *As consequências do ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial, pp. 227-251.
- Aguirre, Lisandro. (2007) “Sobre la ‘*melancolía pensativa*’ del escepticismo humeano”, in Brunsteins, P. and Testa, A. (eds.), *Conocimiento, normatividad y acción*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- Aguirre, Lisandro. (2008) “Las creencias involuntarias en Sexto Empírico y Hume”, *Tópicos*, 16.
- Aguirre, Lisandro. (2010a) “David Hume y su *adhesión inconsciente* al escepticismo pirrónico”, *Revista de Filosofía y Teoría Política*, La Plata, 41.
- Aguirre, Lisandro. (2010b) “El pirronismo moderno de David Hume”, in Bahr, F. (Comp.) *Tradición Clásica y Filosofía Moderna: el juego de las influencias*. Santa Fe, UNL.
- Araújo, Cicero Romão. (2007) “Política e ceticismo”, in Silva Filho, W. J. and Smith, P. J. (eds.) *Ensaio sobre o ceticismo*, São Paulo: Alameda.
- Araújo, Cicero Romão. (2008) “Cosmopolitismo, ceticismo e civilização”, *Sképsis*, 3.
- Ávila, Ignacio. (1996) *Escepticismo y argumentación trascendental. Anatomía de un juego*. Bogotá, Universidad Nacional de Colombia.
- Ávila, Ignacio. (2003) “La estrategia intencional de Dennett y el escepticismo”, *Ideas y Valores*, 121, pp. 41-63.
- Bacigalupo, Luis. (1999) “La confrontación de San Agustín con el escepticismo y sus probables vínculos con la moral provisional de Descartes”, *Pensamiento*, 55, 211.
- Bahr, Fernando. (1999) “Pierre Bayle en los *early memoranda* de Hume”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 25, 1.
- Bahr, Fernando. (2000a) “Bayle, Leibniz y las objeciones maniqueas”. *Paideia. Revista de Filosofía y de Didáctica Filosófica*, 52.
- Bahr, Fernando. (2000b) “Pierre Bayle: contra los teólogos”. *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 27.
- Bahr, Fernando. (2001) “El *Commentaire philosophique* de Pierre Bayle: ‘Dios no quiere que conozcamos con certeza’”, *Tópicos*, 8/9.
- Bahr, Fernando. (2002) “David Hume y el enigma de los *Dialogues*”, *Thémata*, 28.
- Bahr, Fernando. (2004) “John Locke y Pierre Bayle: sobre la libertad de conciencia”, *Tópicos*, 12.

- Bahr, Fernando. (2010) “Los escépticos modernos y la génesis del *cogito* cartesiano”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 34, 1.
- Barnes, Jonathan (1982) “The Beliefs of a Pyrrhonist”, *Proceedings of the Cambridge Philosophical Society*, 28, pp. 1-29.
- Barrio, Eduardo. (2000) “La otra cara del escéptico” in Dutra, L. H and Smith, P. J. (eds.) *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*, Florianópolis: EDUFSC.
- Beltrán, Julio, and Pereda, Carlos. (eds.) (2002) *La certeza, un mito?* Mexico: UNAM.
- Benítez, Laura. (1987) “Descartes y el escepticismo”, *Diánoia*, 33, pp. 247-268.
- Bensusan, Hilan N., and Souza, P. A. G. (1994) “Sobre o que não aparece (ao neopirrônico)”, *Discurso*, 23, pp. 53-70.
- Bensusan, Hilan N. (2015) “O lugar da suspensão do juízo: neopirronismo e ontologia da dúvida”, in Smith, P. J. (ed.). *O neopirronismo de Oswaldo Porchat*, São Paulo: Alameda, pp. 59-76.
- Beuchot, Mauricio. (1996) “Some Traces of the Presence of Skepticism in Medieval Thought”, in R. Popkin (ed.), *Skepticism in the History of Philosophy*, Dordrecht: Kluwer Press, pp. 37-43.
- Beuchot, Mauricio. (2003) “Nicholas of Autrecourt”, in Gracia, J.E. and Noone, T.B. (eds.), *A Companion to Philosophy in the Middle Ages*, Blackwell, pp. 458–465.
- Bolzani Filho, Roberto. (1990) “Ceticismo e Empirismo”, *Discurso*. 18, pp. 37-67.
- Bolzani Filho, Roberto. (1996) “A *epokhé* cética e seus pressupostos”, *Discurso* 27, pp. 37-60.
- Bolzani Filho, Roberto. (1998) “Acadêmicos versus Pirrônicos: Ceticismo Antigo e Filosofia Moderna”, *Discurso*. 29, pp. 57-110.
- Bolzani Filho, Roberto. (2000) “Cícero Acadêmico”, *Kriterion*, 102, pp. 206-224.
- Bolzani Filho, Roberto. (2003) “A filosofia e a necessidade de essências”, in Smith, P. J. and Wrigley, M. B. (eds.) *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*, Campinas: CLE, volume 36.
- Bolzani Filho, Roberto. (2005a) “Pirronismo e moral”, *Boletim do CPA (UNICAMP)*, 20/21, pp. 253-293.
- Bolzani Filho, Roberto. (2005b) “Ceticismo como autobiografia e autoterapia”, in Silva Filho, W. J. (ed.) *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: UNIJUÍ, pp. 181-208.
- Bolzani Filho, Roberto. (2007) “Entre a crítica ao ceticismo e uma filosofia positiva: considerações a partir de ‘Ceticismo dogmático e dogmatismo sem dogmas’ de Plínio J. Smith”, *Dois pontos*, 4/2 pp. 61-80.
- Bolzani Filho, Roberto. (2013) *Acadêmicos versus Pirrônicos*, São Paulo: Alameda Editorial.

- Brandão, Eduardo. (2013) “Fichte et Schopenhauer face au scepticisme de Schulze”, in Charles, S., and Smith, P. (eds.) *Scepticism in the Eighteenth Century: Enlightenment, Lumières, Aufklärung*, Dordrecht: Springer, pp. 315-326.
- Brandão, Rodrigo (2008) “Voltaire et le scepticisme”, *Philosophiques*, 35, pp. 261-274.
- Brito, Rodrigo P. (2014) “Uma ‘via média’ interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de ‘Contra os Retóricos’”, *Sképsis*, 11, pp. 33-69.
- Brito, Rodrigo P. (2015) “Algumas outras palavras sobre ceticismo e cristianismo”, *Archai*, 14, pp. 26-37.
- Bueno, Otávio. (2005) “Davidson and Skepticism: How not to Respond to the Skeptic”, *Principia*, 9, pp. 1-18.
- Bueno, Otávio. (2008) “Relativism and Skepticism”, *International Journal of Philosophical Studies*, 16, pp. 247-254.
- Bueno, Otávio. (2009) “Sosa on Skepticism”, *Metaphilosophy* 40, pp. 195-202.
- Bueno, Otávio. (2011) “Is the Pyrrhonist an Internalist?”, in Machuca, D. (ed.) *New Essays on Ancient Pyrrhonism*, Leiden: Brill, pp. 179-192.
- Bueno, Otávio. (2013) “Disagreeing with the Pyrrhonist?”, in Machuca, D. (ed.) *Disagreement and Skepticism*, New York and London: Routledge, pp. 24-45.
- Bueno, Otávio. (2015) “Realism and Anti-Realism about Science: A Pyrrhonian Stance”, *International Journal for the Study of Skepticism* 5, pp. 145-167.
- Bulcão, Marcos N. (2008) *O realismo naturalista de Quine: crença e conhecimento sem dogmas*, Campinas: CLE.
- Burnyeat, Myles. (1980) “Can the Sceptic Live His Scepticism?”, in Schoffield, M., Burnyeat, M., and Barnes, J. (eds.) *Doubt and Dogmatism*, Oxford: Oxford University Press, pp. 20-53.
- Cabanchik, Samuel. (1990) “Wittgenstein escéptico”, *Cuadernos de filosofía*, 21/34.
- Cabanchik, Samuel. (2003) *El revés de la filosofía. Lenguaje y escepticismo*, Buenos Aires, Biblos.
- Cabanchik, Samuel. (2008a) “El idiota, Kripkenstein y el Intérprete radical”, in Silva Filho, W. y Caorsi, C. (eds.), *Razones e interpretaciones. La filosofía después de Davidson*, Buenos Aires, Del Signo.
- Cabanchik, Samuel. (2008b) “Facticidad del significado y exigencia comunitaria en la filosofía del último Wittgenstein”, in Fernández Moreno, L. (ed.), *Para leer a Wittgenstein. Lenguaje y pensamiento*, Madrid, Biblioteca Nueva.
- Cabanchik, Samuel. (2010) *Wittgenstein, una introducción. O la filosofía como ética*, Quadrata.

- Cabrera Isabel. (2002) “Escepticismo y Budismo”, in Issa, J. (ed.), *Fe y Razón*, México: UAM-PyV, pp. 165-175.
- Cabrera Isabel. (ed.) (1999) *Argumentos Trascendentales*, México: IIF-UNAM.
- Cattaneo, Ricardo. (2010a) “Escepticismo poskantiano y filosofía sistemática en Hegel”, in Bahr, F. (ed.), *Tradición clásica y Filosofía Moderna: el juego de las influencias*. Santa Fe, UNL.
- Cattaneo, Ricardo. (2010b) “Kant y la destinación de la razón: pensar el límite como superación del escepticismo”, in López D. (ed.), *Experiencia y Límite. Kant-Colloquium (1804-2004)*, Santa Fe, UNL.
- Charles, Sébastien. (2003) *Berkeley au siècle des Lumières: immatéralisme et skepticism au XVIIIe siècle*, Paris: Vrin.
- Charles, Sébastien. (2007) “Scepticisme et clandestinité”, *Historia philosophica*, 5, pp. 143-158.
- Charles, Sébastien. (2012) “Entre pyrrhonisme et académisme : le scepticisme de Voltaire”, *Cahiers Voltaire*, 11, pp. 109-131.
- Charles, Sébastien. (forthcoming a) “Simon Foucher’s Academic Skepticism: Between Truth and Probability” (with Joël Boudreault), in Charles, S., and Smith, P. (eds.), *Academic Skepticism in Early Modern Philosophy*, Dordrecht: Springer.
- Charles, Sébastien. (forthcoming b) “Pierre-Daniel Huet’s Readings in Skepticism”, in Charles, S., and Smith, P. (eds.), *Academic Skepticism in Early Modern Philosophy*, Dordrecht: Springer.
- Cíntora, Armando. (2010) “Pirronismo y conocimiento científico”, *Revista de Filosofía de la Universidad de Chile*, 66, pp. 79-92.
- Cíntora, Armando. (2014) “Koan del pirronismo”, in Ornelas, J. and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 339-350.
- Conte, Jaimir, and Gelain, Itamar. (eds.) (2015) *Ensaio sobre a filosofia de Strawson*, Florianópolis: Editora da UFSC.
- Conte, Jaimir. (2008) “A oposição de Berkeley ao ceticismo”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas: UNICAMP, pp. 325-355.
- Cresto, Eleonora. (1996) “Algunas estrategias naturalistas contra el escepticismo”, *Revista de Filosofía*, XI/1-2.
- Cresto, Eleonora. (1997) “Escepticismo, verdad y confiabilidad”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 23/1.

- Croce, Soledad. (2006) “Escepticismo y prudencia: argumentos para un escepticismo práctico en Michel de Montaigne”, in Mattio, E. and Scotto, C. (eds.), *Interpretación, objetividad e historia: perspectivas filosóficas*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- Croce, Soledad. (2007) “Cristianos por la misma razón que alemanes: el origen contingente de la creencia religiosa en Michel de Montaigne”, in Brunsteins, P. and Testa, A. (eds.), *Conocimiento, normatividad y acción*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- De Teresa, José. (2000) “Influencia de Platón en Descartes”, in T. Santiago (ed.), *Alcances y límites de la racionalidad en el conocimiento y la sociedad*, México: UAM/PyV, pp. 83-91.
- De Teresa, José. (2013) “Metodología Filosófica. Interés del Escepticismo”, in Benítez, L. and Velázquez, A. (eds.), *Tras las huellas de Platón en la Filosofía Moderna*, México: UNAM, pp. 141-154.
- De Teresa, José. (2014) “Conocimiento reflexivo, fundamentos y ultraescepticismo”, in Ornelas, J. and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 351-382.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1993) “Ceticismo e Filosofia Construtiva”, *Manuscrito*, XVI/1, pp. 37-62.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1995) “Neopirronismo na Filosofia da Ciência”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, XXI/2, pp. 269-284.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1996) “Ceticismo e Realismo Científico”, *Manuscrito*, XIX/1, pp. 209-253.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1997a) “Ceticismo e Indução”, *Principia*, 1/1, pp. 135-168.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1997b) “Neopirronismo na Filosofia da Ciência”, *O Que nos Faz Pensar*, 12, pp. 91-105.
- Dutra, Luiz Henrique de Araújo. (1998) “Naturalismo, Falibilismo, Ceticismo”, *Discurso*, 29, pp. 15-56.
- Dutra, Luis Henrique de Araújo and Smith, Plínio Junqueira. (eds.) (2000) *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*, Florianópolis: EDUFSC.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2001a) “Montaigne: o ensaio como ceticismo”, *Manuscrito* XXIV/2, pp. 7-41.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2001b) “Sobre o Argumento Cartesiano do Sonho e o Ceticismo Moderno”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, XXVII, pp. 199-225.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2003) “Filosofia da Visão Comum do Mundo e Neopirronismo: Pascal ou Montaigne?”, in Wrigley, M. B. and Smith, P. J. (eds.) *O filósofo e sua história: uma*

- homenagem a Oswaldo Porchat*, Campinas: Editora do Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp, pp., 43-86.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2004) *Montaigne contra a Vaidade: um Estudo sobre o Ceticismo na "Apologia" de Raimond Sebond*, São Paulo: Humanitas.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2005) "O primeiro céptico (acerca da coerência do pirronismo)", in Silva Filho, W. J. (ed.) *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: UNIJUÍ.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2006) "Sobre as afinidades entre a filosofia de Francis Bacon e o ceticismo", *Kriterion*, 113, pp. 73-97.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2007a) "Neopirronismo e estruturalismo", in Silva Filho, W. J. and Smith, P. J. (eds.) *Ensaio sobre o ceticismo*, São Paulo: Alameda.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2007b) *A figura do filósofo: Ceticismo e Subjetividade em Montaigne*, São Paulo: Loyola.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2008) "Francis Bacon: ceticismo e doutrina dos ídolos", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 18, pp. 47-80.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2011) "Bacon's Doctrine of the Idols and Skepticism", in Machuca, D. (ed.) *Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy*. Dodrecht: Springer, pp. 99-130.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2012) "'Du repentir' - Scepticism and Self-knowledge in Montaigne", *Taula*, quaderns de Pensament, 44, pp. 71-86.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2013a) "Montaigne et les Académica de Cicéron", *Asterion: philosophie, histoire des idées. Pensée politique*, 11, pp. 1-45.
- Eva, Luiz Antonio Alves. (2013b) "*Age ergo somniamus*: Descartes et la fiction du rêve", *Science & Esprit*, 65/3, pp. 281-298.
- Faria, Paulo F. E. (2007) "A encenação", *Sképsis* 1, pp. 99-130.
- Faria, Paulo F. E. (2012) "Sobre o que não temos o direito de não saber", in Silva Filho, Waldomiro, and Smith, Plínio Junqueira (eds.) *Consequências do Ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial, pp. 253-271.
- Fernández, Miguel Angel. (2014) "Acreditaciones epistémicas y escepticismo de segundo orden", in Ornelas, J. and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 265-285.
- Ferro Porcile, Juan Bautista. (1988) "La doctrina de las impresiones en la filosofía de Hume", *Archivos de la Sociedad Peruana de Filosofía*, VI, pp. 38-49.
- Fogelin, Robert J. (1994) *Pyrrhonian Reflections on Knowledge and Justification*, Oxford and New York : Oxford University Press.

- Franciotti, Marco A. (1994) "Transcendental Idealism And Phenomenalism." in *Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía*, México, v. 26, n.78, p. 73-95.
- Franciotti, Marco A. (1995) "Refuting Kant's Refutation", *Idealistic Studies*, , 25/1, pp. 93-106.
- Franciotti, Marco A. (2009) "Once more unto the breach: Strawson's Anti-Sceptical View", *Principia*, 13, pp. 137-151.
- Frede, Michael. (1997) *Essays in Ancient Philosophy*, Oxford: Clarendon Press.
- Gensollem, Mario. (2006) *Las andanzas de la razón. Escepticismo y racionalidad en el pensamiento de Stanley Cavell*, México: los libros de Homero.
- Gómez, Adolfo León. (2002) *Descartes ayer y hoy*, Alego Editores, Cali.
- González, Catalina. (2010) "Ironía y escepticismo en *Sobre el suicidio* de David Hume", in Castañeda, Felipe (ed.) *Francisco de Vitoria: Relección sobre el homicidio*, Bogotá: Universidad de Los Andes, pp. 243-260.
- González, Catalina. (2011) "Pyrrhonism vs. Academic Skepticism in Kant's *Critique of Pure Reason*", *Philosophy Today*, 55, pp. 225-230.
- Guimarães, Livia M. (1996) "Hume entre o Academicismo e o Pirronismo", *Kriterion*, 35/93, pp. 106-122.
- Guimarães, Livia M. (2008) "Skeptical Tranquility and Hume's Manner of Death", *The Journal of Scottish Philosophy*, 6, pp. 115-134.
- Gutierrez, Carlos B. (1989) "La importancia del escepticismo", *Cuadernos de Filosofía y Letras*, X, pp. 1-4.
- Hanza, Kathia. (2011) "El escepticismo como voluntad de poder. Nietzsche lector de Lange", in *Nietzsche e as ciências*, Rio de Janeiro: Viveiro de Castro.
- Holguín, Magdalena. (1997) *Wittgenstein y el escepticismo*, Editorial Universidad del Valle, Cali.
- Hoyos, Diana. (2006) "Teoría de las virtudes: un nuevo enfoque de la epistemología", *Discusiones Filosóficas*, 7/10, pp. 89-113.
- Hoyos, Luis Eduardo. (1995) *Kant und die Idealismusfrage. Eine Untersuchung über Kants Widerlegung des Idealismus*, Mainz, Gardez.
- Hoyos, Luis Eduardo. (1998) "El escándalo de la filosofía: sobre la refutación kantiana del idealismo", *Escritos de Filosofía*, 33-34, pp. 27-53.
- Hoyos, Luis Eduardo. (1999) "Significado y banalidad del escepticismo filosófico", *Ideas y Valores*, 109, pp. 53-84.

- Hoyos, Luis Eduardo. (2001) *El escepticismo y la filosofía trascendental*. Bogotá, Siglo del Hombre Editores and Universidad Nacional de Colombia.
- Hurtado, Guillermo. (1989) “Ward on Davidson’s refutation of skepticism”, *Crítica*, XXI/63, pp. 75-81.
- Hurtado, Guillermo. (1996) “El (supuesto) trilema del saber”, *Crítica*, XXVII/83, pp. 131-136.
- Hurtado, Guillermo. (2002a) “Por qué no soy falibilista”, *Crítica*, XXXII/96, pp. 59-97.
- Hurtado, Guillermo. (2002b) “Respuesta a Julio Beltrán”, in Beltrán, J. and Pereda, C. (eds.), *La certeza, ¿un mito?*, UNAM, Instituto de Investigaciones Filosóficas, pp. 217-218.
- Hurtado, Guillermo. (2003) “¿Saber sin verdad? Objeciones a un argumento de Villoro”, *Crítica*, XXXV/102.
- Hurtado, Guillermo. (2005) “Dudas y sospechas”, in Hoyos, Luis Eduardo (ed.), *Racionalidad y relativismo*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, pp. 65-75.
- Hurtado, Guillermo. (2006) “Notas sobre *De utilitate credendi*”, *Tópicos*, 36, pp. 135-146.
- Krause, Gustavo B. (2004) *A ficção cética*, São Paulo: Annablume.
- Krause, Gustavo B. (2006) “The skeptical Paradox in Machado de Assis”, *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 13-14, pp. 227-248.
- Krause, Gustavo B. (2007a) “Quem me dera: o ceticismo de Machado de Assis”, *Sképsis*, 2, pp. 171-183.
- Krause, Gustavo B. (2007b) “O poeta cético” in Schaefer, S., and da Silveira, R.A.. (ed.). *Drummond e a Filosofia*. Santa Cruz do Sul, RS: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, p. 65-85.
- Lastres, Pamela (2011) “Errores y desvaríos. Las certezas de Wittgenstein y Moore”, in Quintanilla, Pablo and Rosales, Diógenes (eds.) *Lógica, lenguaje y mente*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 79-88.
- Lazos, Efrain. (2002) “Escepticismo y cartesianismo en las *Investigaciones Filosóficas* de Wittgenstein”, in Beltrán, Julio, and Pereda, Carlos (eds.), *La certeza, ¿un mito? Naturalismo, Falibilismo y Escepticismo*, México: IIF-UNAM, pp. 151-165.
- Lazos, Efrain. (2014) *Disonancias de la Crítica. Variaciones sobre cuatro temas kantianos*, México: IIF-UNAM.
- Lessa, Renato. (1995) *Veneno pirrónico: ensaios sobre o Ceticismo*, Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Lessa, Renato. (2003) *Agonia, aposta e ceticismo: ensaios de filosofia política*, Belo Horizonte: UFMG.

- Lopes, Rogério A. (2006) “Por que o cético não abdica da argumentação? Notas sobre estratégia e motivação no ceticismo pirrônico”, *Síntese*, 33, pp. 213-228.
- Lopes, Rogério A. (2012) “Nietzsche e a interpretação cética de Platão”, *Artefilosofia*, 13, pp. 17-40.
- Loque, Flávio F. (2012) *Ceticismo e Religião no Início da Modernidade: A Ambivalência do Ceticismo Cristão*, São Paulo: Loyola.
- Machado, Alexandre Noronha. (2007a) “Notas sobre a dúvida cartesiana”, *Dois Pontos* 4, pp. 81-102.
- Machado, Alexandre Noronha. (2007b) “Wittgenstein e o externalismo”, in Silva Filho, W. J., and Smith, P. J. (eds.) *Ensaio sobre o ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial, pp. 195-226.
- Machuca, Diego. (2006a) “The Local Nature of Modern Moral Skepticism”, *Pacific Philosophical Quarterly*, 87.
- Machuca, Diego. (2006b) “The Pyrrhonist’s *ataraxia* and *philanthropia*”, *Ancient Philosophy*, 26.
- Machuca, Diego. (2009) “Argumentative Persuasiveness in Ancient Pyrrhonism”, *Méthexis*, 22.
- Machuca, Diego. (2013) “A neo-Pyrrhonian Approach to the Epistemology of Disagreement”, in Machuca, Diego. (ed.) (2013) *Disagreement and Skepticism*, New York and London: Routledge.
- Machuca, Diego. (ed.) (2011a) *New Essays on Ancient Pyrrhonism*, Leiden/Boston: Brill.
- Machuca, Diego. (ed.) (2011b) *Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy*, Dordrecht: Springer.
- Machuca, Diego. (ed.) (2013) *Disagreement and Skepticism*, New York and London: Routledge.
- Maia Neto, José Raimundo. (1991) “Hume and Pascal: Pyrrhonism vs. Nature”, *Hume Studies* 17:1, pp. 41-49.
- Maia Neto, José Raimundo. (1994) *Machado de Assis, The Brazilian Pyrrhonian*. West Lafayette: Purdue University Press.
- Maia Neto, José Raimundo. (1995) *The Christianization of Pyrrhonism: Skepticism and Faith in Pascal, Kierkegaard, and Shestov*, Dordrecht: Kluwer.
- Maia Neto, José Raimundo. (1996) “O ceticismo de Bayle”, *Kriterion*, 35/93, pp. 77-88.
- Maia Neto, José Raimundo. (1997a) “Academic Scepticism in Early Modern Philosophy”, *Journal of the History of Ideas*, 58/2, pp. 199-220.
- Maia Neto, José Raimundo. (1997b) “Usos do ceticismo no nascimento da ciência moderna por Gassendi”, *O Que nos Faz Pensar*, 12/12, pp. 29-38.

- Maia Neto, José Raimundo. (2001) “Descartes e os céticos do seu tempo”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, 27/1, pp. 59-80.
- Maia Neto, José Raimundo. (2004) “*Epoche* as Perfection: Montaigne’s View of Ancient Skepticism”, in Maia Neto, J.R., Popkin, R. (eds.). *Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: New Interpretations*. Amherst, NY: Humanity Books, pp. 13-42.
- Maia Neto, José Raimundo. (2005) “Ceticismo e crença no século XVII”, *Manuscrito*, 28/1, pp. 9-36.
- Maia Neto, José Raimundo. (2007) “Machado, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernanrdo”, *Sképsis*, 2, pp. 212-226.
- Maia Neto, José Raimundo. (2008a) “Huet n’est pas un sceptique Chrétien”s, *Les Études Philosophiques*, 2, pp. 209-222.
- Maia Neto, José Raimundo. (2008b) “Huet sceptique cartésien”, *Philosophiques*, 35/1, pp. 223-239.
- Maia Neto, José Raimundo. (2012) “O contexto religioso-político da contraposição entre pirronismo e Academia na ‘Apologia de Raymond Sebond’”, *Kriterion* 126, pp. 351-374.
- Maia Neto, José Raimundo. (2013a) “Le probabilisme académicien dans le scepticisme français de Montaigne à Descartes”, *Revue Philosophique de la France et de l’Étranger*, 203, pp. 467-484.
- Maia Neto, José Raimundo. (2013b) “Rationalisme critique académicien chez Montaigne et Descartes”, *Montaigne Studies: an interdisciplinary forum*, 25, pp. 49-60.
- Maia Neto, José Raimundo. (2014) *Academic Skepticism in Seventeenth Century French Philosophy. The Charronian Legacy 1601-1662*, Heidelberg: Springer.
- Maia Neto, José Raimundo, Paganini, Gianni, and Laursen, John Christian (eds.). (2009) *Skepticism in the Modern Age: Building on the Work of Richard Popkin*, Leiden and Boston: Brill.
- Manzo, Silvia. (2009) “Probability, Certainty and Facts in Francis Bacon’s Natural Histories. A Double Attitude towards Skepticism”, in Maia Neto, J. R., Paganini, G. and Laursen, J. Ch. (eds.) *Skepticism in the Modern Age: building on the Work of Richard Popkin*, Leiden/Boston: Brill, pp. 123-137.
- Manzo, Silvia. (forthcoming) “Academic skepticism, acatalepsia and the Fall of Adam in Francis Bacon”, in Charles, S., and Smith, P.J. (eds.) *Academic Skepticism in Early Modern Philosophy*, Dordrecht: Springer.

- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (1988) “Ceticismo semântico”, *Manuscrito*, 11/2, pp. 95-112.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (1996a) “Juízo, suspensão do juízo e a filosofia cética”, *Kriterion* 93 (reprinted: *Sképsis* 1, p. 69-82).
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (1996b) “Finding One’S Way About” in R. Popkin. (ed.). *Scepticism in the History of Philosophy: A Pan-American Dialogue*. Amsterdam: Kluwer.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (1998) “Scepticism and Language in Early Modern Thought”, *Language and Communication*, 18/2, pp. 111-124.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (2007) “O argumento do criador conhecimento argumento cético”, *Sképsis*, 1, pp. 37-60.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (2008) “Rústicos x urbanos: o problema do insulamento e a possibilidade do discurso cético”, *O que nos faz pensar*, 24, pp. 135-150.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (2009) “The anthropological argument: the rediscovery of ancient skepticism in modern thought”, in Maia Neto, J. R., Paganini, G., and Laursen, J.-Ch. (eds.) *Skepticism in the Modern Age*. Leiden: Brill, pp. 37-54.
- Marcondes de Souza Filho, Danilo. (2012) “Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o ceticismo”, *Kriterion*, LIII, pp. 421-434.
- Margot, Jean Paul. (2003) “Engaño divino y escepticismo”, *Estudios Cartesianos*, Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México, México, pp. 113-139.
- Margot, Jean Paul and Zuluaga, Mauricio. (eds.) (2012) *Perspectivas de la Modernidad*, Programa Editorial, Universidad del Valle, Cali.
- Marsola, Mauricio P. (2007) “Plotino e o ceticismo”, *Dois Pontos*, pp. 247-273.
- Martin, Luiz F. B. (2007a) “A presença do ceticismo na filosofia do jovem Hegel”, in Smith, P.J., and Silva Filho, W. (eds.). *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, pp. 153-171.
- Martin, Luiz F. B. (2007b) “Alguns aspectos da compreensão hegeliana do ceticismo antigo a partir da crítica ao ceticismo de Gottlob Ernst Schulze”, *Dois Pontos*, 4, pp. 221-246
- Martin, Luiz F. B. (2011) “Entendimento, razão e ceticismo na *Diferença entre o sistema filosófico de Fichte e de Schelling*”, *Sképsis*, 4, pp. 73-87.
- Meléndez, Raúl. (2000) “Escepticismo, realismo y diálogo de sordos”, *Ideas y Valores*, 112, pp. 87-97.
- Meléndez, Raúl. (2014) “Justificación y persuasión en *Sobre la certeza*”, in Pinzón, Anderson *et. al. Imágenes de la Mente en el Mundo Natural*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, pp. 107-131.

- Mioli, Alejandro. (2007) “Filtros epistémicos y alternativas relevantes”, *Andamio: Revista de Investigación Social*, 4/7.
- Mioli, Alejandro. (2008) “Un examen de la relación entre escepticismo y epistemología: el caso del llamado *eskepticismo científico*”, in Lorenzano, P., and Miguel, H. (eds.), *Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur*, Buenos Aires, Editora CCC Educando.
- Mioli, Alejandro. (2010) “El debate sobre el escepticismo en ciencias: Steve Fuller El caso Tammy Kitzmiller y otros contra Dover Area School District y otros”, in Andrade Martins et al. (eds.) *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul. Seleção de Trabalhos do 6º Encontro*, Campinas, AFHIC.
- Nudler, Oscar (2009) “Wittgenstein, filósofo en el límite”, in Perona, A. Sanfélix, V. (eds.), *Wittgenstein*.
- Olaso, Ezequiel de. (1970) “Las reglas de la discusión filosófica en Leibniz”, *Revista de Filosofía*, 22.
- Olaso, Ezequiel de. (1972) “Leibniz et l’art de disputer”, *Akten des 2. Internationalen Leibniz-Congresses*, Bd. 4, Wiesbaden, Franz Steiner (Spanish translation: “Leibniz y el arte de disputar”, *Diálogos*, 1973).
- Olaso, Ezequiel de. (1974) “Objections inédites de Leibniz au principe sceptique de l’équipollence”, in Funke (ed.), *Akten des 4. Internationalen Kant-Congresses*, Berlin, de Gruyter.
- Olaso, Ezequiel de. (1975) “El significado de la duda escéptica. Con un examen preliminar de las opiniones de G. W. Leibniz y de G. E. Moore”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 1/1.
- Olaso, Ezequiel de. (1976) “El ‘escepticismo filosófico’ de Feijóo y la Medicina”, *Asclepio: Revista de Historia de la Medicina y la Ciencia*, 28.
- Olaso, Ezequiel de. (1977a) “La crisis pirrónica de Hume”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 3/2.
- Olaso, Ezequiel de. (1977b) “Praxis sans Théorie? La réfutation pragmatiste du pyrrhonisme selon un texte inédit de Leibniz”, *Theoria cum Praxi. Akten des 3. Internationalen Leibniz-Kongresses*. Bd. 3, Wiesbaden, Franz Steiner.
- Olaso, Ezequiel de. (1978a) “La investigación y la verdad”, *Manuscrito*, 6/2.
- Olaso, Ezequiel de. (1978b) “Otra vez sobre el escepticismo de Hume”, *Manuscrito*, 1/2.
- Olaso, Ezequiel de. (1980) “Hobbes y la formación del análisis del discurso ideológico”, *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 6/1.

- Olaso, Ezequiel de. (1980a) "Los dos escepticismos del vicario saboyano", *Manuscrito*, 3/2.
- Olaso, Ezequiel de. (1980b) "Thomas Hobbes y la recta razón" *Manuscrito*, 4/1.
- Olaso, Ezequiel de. (1981) "El ataque de Enesidemo a la razón y la defensa de Leibniz", *Escritos de Filosofía*, 8.
- Olaso, Ezequiel de. (1983) "Zétesis", *Manuscrito*, 11/2.
- Olaso, Ezequiel de. (1984) "Leibniz y el escepticismo", *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 10/3 (English translation: "Leibniz and Skepticism" in Popkin, R. H., and Schmitt, B. (eds.), *Skepticism from the Renaissance to the Enlightenment*, Wolfenbütteler Forschungen 33, Wolfenbüttel, 1987).
- Olaso, Ezequiel de. (1986) "Francisco Sanches e Leibniz", *Análise*, 4.
- Olaso, Ezequiel de. (1992) "El escepticismo y los límites de la caridad", *Revista Latinoamericana de Filosofía*, 18.
- Olaso, Ezequiel de. (1993) "Hobbes: religion and ideology. Notes on the political utilization of religion", in Popkin, R.H., and Vanderjagt, A. (eds.), *Skepticism and Irreligion in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, Leiden: Brill.
- Olaso, Ezequiel de. (ed.) (1994) *Del Renacimiento a la Ilustración* (Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, Vol. 6), Madrid, Trotta.
- Olaso, Ezequiel de. (1995) "Escepticismo y conocimiento", in C. B. Gutierrez (ed.), *El trabajo filosófico de hoy en el continente*, Bogotá, Sociedad Interamericana de Filosofía, Sociedad Colombiana de Filosofía.
- Olaso, Ezequiel de. (1996) "Racionalidad y escepticismo", in Nudler, O (ed.) *La racionalidad: su poder y sus límites*, Buenos Aires: Paidós.
- Olaso, Ezequiel de. (1999) "Certeza y escepticismo", in L. Villoro (ed.), *El conocimiento* (Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, Vol. 20), Madrid, Trotta.
- Olaso, Ezequiel de. *Escepticismo e ilustración. La crisis pirrónica de Hume a Rousseau*, Venezuela, Universidad de Carabobo.
- Olaso, Ezequiel de, Popkin, Richard H., and Tonelli, Giorgio. (eds.) (1997) *Skepticism in the Enlightenment*, Dordrecht: Kluwer.
- Orlando, Eleonora. (2000) "Una crítica del escepticismo semántico", in Dutra, L. H., and Smith, P. J. (eds.) *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*, Florianópolis: EDUFSC.
- Orlando, Eleonora. (2003) "Conductismo y escepticismo semántico", in Cabanchik, S., Penelas, F. and Tosí, V. (eds.) *El giro pragmático en la filosofía*, Spain: Gedisa.
- Ornelas, Jorge. (2005) "La disolución kantiana del idealismo", *Diánoia*, 50/55, pp. 95-117.

- Ornelas, Jorge. (2012) “Externismo, Disyuntivismo y Antiescepticismo en McDowell”, in Stepanenko, P. (ed.), *La Perspectiva de la Primera Person*, México: UNAM-CEPHCIS, pp. 163-194.
- Ornelas, Jorge; Cíntora, Armando. (2013a) “Trading one Kind of Dogmatism for Another: Comments on Williams’ Criticism of Agrippan Skepticism”, *Tópicos*, 44, pp. 9-34.
- Ornelas, Jorge. (2013b) “*Ataraxia* y metaepistemología en Sexto: problemas en el ‘camino escéptico’”, in Gutiérrez, R. (ed.), *Mathemata. Ecos de la Filosofía Antigua*, Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 505-515.
- Ornelas, Jorge; Cíntora, Armando. (2014a) “¿Qué está mal con el dogmatismo de Pryor?”, *Areté. Revista de Filosofía*, 26/1, pp. 7-31.
- Ornelas, Jorge, and Cíntora, Armando. (2014b) “‘Eunucos’, ‘criminales’ y ‘enfermos terminales’: las distintas caracterizaciones del escepticismo en la filosofía occidental”, in Ornelas, J., and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 17-42.
- Ornelas, Jorge. (2014c) “‘E = K’ y Anti-escepticismo: algunos Problemas para Williamson”, in Ornelas, J., and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 287-312.
- Ornelas, Jorge. (2014d) “Escepticismo y Anti-intelectualismo: una revisión del ideal socrático desde la perspectiva pirrónica”, *Tópicos*, 46, pp. 175-201.
- Ornelas, Jorge. (2015) “El laberinto del escepticismo en la *Crítica de la Razón Pura*: la *Refutación del Idealismo*”, in Stepanenko, P., and Hoyos, L.E. (eds.), *Compendio sobre la Crítica de la Razón Pura*, México-Bogotá: IIF-UNAM/UNAL.
- Ornelas, Jorge, and Cíntora, Armando. (eds.) (2014) *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre Escepticismo Antiguo, Moderno y Contemporáneo*, México: UAM/Gedisa.
- Páramo, Jorge (1989) “Translation of ‘Esbozos Pirrónicos’” in *Cuadernos de Filosofía y Letras*, X/1-4.
- Pereira, R. H. S. (2003) “Dogma versus Fenômeno: Neopirronismo ou Transcendentalismo?”, in Smith, P. J., and Wrigley, M. B. (eds.) (2003) *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*, Campinas: Unicamp.
- Pereira, R. H. S. (2007) “Naturalismo e Ceticismo”, *Sképsis*, 1, pp. 69-97.
- Pereira, R. H. S. (2010) “Por que Kant jamais levou o ceticismo a sério como uma doutrina filosófica”, *Sképsis*, 5, pp. 149-182.
- Pereira, R. H. S. (2015) “Against Pyrrhonism”, *Sképsis*, 12, pp. 68-84.

- Pinto, Paulo R. M. (1996a) “Sobre A Natureza da Filosofia: Wittgenstein e O Pirronismo”, *Kriterion*, 36/92, pp. 40-59.
- Pinto, Paulo R. M. (1996b) “Há Problemas Filosóficos? Uma Avaliação da Resposta do Pirronismo”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 3, pp. 159-178.
- Pinto, Paulo R. M. (1999) “O neopirronismo, os problemas filosóficos e o pragmatismo”, *Principia*, 3/2, pp. 307-340.
- Pinto, Paulo R. M. (2007) “Machado, um cético pirrônico? Um debate com Maia Neto”, *Sképsis*, 2, pp. 183-212.
- Pinto, Paulo R. M. (2010) “As idéias de Francisco Sanches e suas relações com o pensamento filosófico brasileiro”, *Sképsis*, 5, pp. 103-148.
- Pinto, Silvio M. (2009) *Escepticismo del Significado y Teoría de conceptos*, Anthropos/UAM: México.
- Pinto, Silvio M. (2014) “Escepticismo del significado y autoconocimiento”, en: J. Ornelas y A. Cíntora (coords.), *Dudas Filosóficas. Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*. México: UAM/Gedisa, pp. 383-418.
- Piva, Paulo Jonas de Lima. (2001) “Filosofia como idiosincrasia, ética como fenômeno: sobre o ceticismo de Plínio Smith”, *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 3, pp. 67-87.
- Piva, Paulo Jonas de Lima. (2002) “Lacunas e desafios de uma política pirrônica”, *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 5, pp. 141-164.
- Piva, Paulo Jonas de Lima. (2007) “O jovem Diderot e o ceticismo dos Pensamentos”, *Dois Pontos*, 4, pp. 171-201.
- Piva, Paulo Jonas de Lima. (2008a) “O acerto de contas de Diderot com o ceticismo”, *Trans/Form/Ação*, 31, pp. 79-95.
- Piva, Paulo Jonas de Lima. (2008b) “O ceticismo no Diderot da maturidade”, *Philosophos*, 13, pp. 125-147.
- Popkin, Richard H. (ed.). (1996) *Skepticism in the History of Philosophy: A Pan-American Dialogue*, Dordrecht: Kluwer.
- Popkin, Richard H. (1997) “Ezequiel de Olaso: *in memoriam*”, *O que nos faz pensar*, 12, pp. 111-113.
- Porchat, Oswaldo. (1969) “O conflito das filosofias”, *Revista Brasileira de Filosofia*, XIX/73, pp. 3-15.
- Porchat, Oswaldo. (1975) “Prefácio a uma filosofia”, *Discurso*, pp. 9-24.
- Porchat, Oswaldo. (1976) “A filosofia e a visão comum do mundo”, *Manuscrito*, III/1, pp. 115-149.

- Porchat, Oswaldo. (1985) “Saber comum e ceticismo”, *Manuscrito*, IX/1, pp. 143-59.
- Porchat, Oswaldo. (1986) “Ceticismo e mundo exterior”, *Análise*, 4, pp. 75-109 (also published in *Discurso*, 16, pp. 33-68).
- Porchat, Oswaldo. (1991) “Sobre o que aparece”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, XVII/2, pp. 195-229.
- Porchat, Oswaldo. (1993) “Ceticismo e argumentação”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, XIX/2, pp. 213-244.
- Porchat, Oswaldo. (1994) “Resposta a H. Bensusan e Paulo A. G. de Souza”, *Discurso*, 23, pp. 71-86.
- Porchat, Oswaldo. (1995) “Verdade, realismo, ceticismo”, *Discurso*, 25, pp. 7-67.
- Porchat, Oswaldo. (1996) “O ceticismo pirrônico e os problemas filosóficos”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, III/6, pp. 97-157.
- Porchat, Oswaldo. (1997) “Depoimento sobre Ezequiel de Olasso”, *O que nos faz pensar*, 12, pp. 107-109.
- Porchat, Oswaldo. (2001) “Ainda é preciso ser cético”, *Discurso*, 32, pp. 9-30.
- Porchat, Oswaldo. (2003) “O argumento da loucura”, *Manuscrito*, 26/1, pp. 11-43.
- Porchat, Oswaldo. (2005a) “A autocrítica da razão no mundo antigo”, in Silva Filho, Waldomiro J. (ed.) *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: Editora UNIJUI, pp. 23-44.
- Porchat, Oswaldo. (2005b) “Empirismo e ceticismo”, *Discurso*, 35, pp. 61-108.
- Porchat, Oswaldo. (2006) *Rumo ao ceticismo*, São Paulo: EDUNESP.
- Porchat, Oswaldo. (2013) “A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico”, *Analytica*, 17/2, pp. 291-323.
- Posada, Jorge Gregorio. (2007) “Presuponen los argumentos escépticos cartesianos el realismo indirecto”, *Discusiones Filosóficas*, 11, pp. 283-291.
- Quispe, Humbert. (1996) “Descartes y el escepticismo”, *Areté*, 8/2.
- Reinoso, Guadalupe. (2006) “El origen de la duda escéptica, observaciones sobre su fundamento”, *Versiones*, 6.
- Reinoso, Guadalupe. (2008) “Consideraciones de una prueba ordinaria. Moore y las creencias del sentido común”, in Agüero, Urtubey, and Murúa, Vera (eds.), *Conceptos, creencia y racionalidad*, Córdoba, Brujas.
- Reinoso, Guadalupe. (2009) “Conocimiento, certeza y sentido común. Enfoques filosóficos frente al desafío escéptico: Descartes, Moore, Wittgenstein”, *Síntesis*, 2.

- Robles, José Antonio. (1996) “Berkeley: Skepticism, Matter and Infinite Divisibility”, in Popkin, R. H. (ed.), *Skepticism in the History of Philosophy*, Hildesheim, New York: Kluwer academic Press, pp. 87-97.
- Rosas, Alejandro. (1990) “Argumentos trascendentales y la refutación kantiana del idealismo”, *Ideas y Valores*, 82, pp. 33-50.
- Sanchez, Sergio. (2000) “Logica, verità e credenza: alcune considerazioni in merito alla relazione Nietzsche-Spir”, in Fornari, M. C. (ed.), *La trama del testo. Su alcune letture di Nietzsche*, Lecce, Milella.
- Sanchez, Sergio. (2001) “Linguaggio, conoscenza e verità nella filosofia del giovane Nietzsche: I frammenti postumi del 1873 e le loro fonti”, *Annuario Filosofico*, Mursia, Milano.
- Sanchez, Sergio. (2005) “Strawson y el escéptico”, in Martínez Ruiz, C. y Sánchez, S. (eds.), *Naturaleza, significado, experiencia. Hacia una reconstrucción de la filosofía*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- Sanchez, Sergio. (2006) “Heidegger y Strawson: sobre el mundo externo”, in Mattio, E. and Scotto C. (eds.), *Interpretación, objetividad e historia: perspectivas filosóficas*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- Sanchez, Sergio. (2010) “La insensata fábrica de la vigilia. Nietzsche y el fenómeno del sueño”, in Ballerini, L., and Ciavolletta, M. (eds.), *Navigatio Vitae: saggi per i settant’anni di Remo Bodei*, New York, Edizioni Agincourt Press.
- Satne, Glenda. (2003) “Reglas y hechos semánticos”, *Manuscrito*, 26.
- Satne, Glenda. (2005a) “McDowell vs Kripke: Práctica comunitaria y semántica de condiciones de verdad”, *Análisis filosófico*, 25.
- Satne, Glenda. (2005b) *El argumento escéptico. De Wittgenstein a Kripke*, Buenos Aires, Grama Ediciones.
- Satne, Glenda. (2008) “Una propuesta de cambio para la teoría semántica: ¿el deflacionismo de Horwich o el antifactualismo de Kripkestein?”, *Teorema*, 27.
- Schwartz, V. H. (2012) “*Epokhé* e *lógos* no pirronismo grego”, in Silva Filho, W. J., and Smith, P. J. (eds.) *As conseqüências do ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial, pp. 75-94.
- Schwartz, V. H. (2015) “Porchat, sua interpretação de Sexto e um possível neopirronismo rústico”, in Smith, P. J. (ed.) *O neopirronismo de Oswaldo Porchat: interpretações e debates*, São Paulo: Alameda Editorial, pp. 181-204.
- Secada Koechlin, Jorge. (2000) *Cartesian Metaphysics: The Scholastic Origins of Modern Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press.

- Silva Filho, Waldomiro José. (ed.) (2005) *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: Editora Unijuí.
- Silva Filho, W. J. (2007) “Externalismo, Autoconhecimento e Ceticismo”, in Silva Filho, W. J., and Smith, P. J. (eds.) *Ensaaios sobre Ceticismo*. São Paulo: Alameda, pp. 121-146.
- Silva Filho, W. J. (2008) “Externismo y escepticismo”, in Waldomiro J. Silva Filho, and Caorsi, Carlos E. (eds.) *Razones e Interpretaciones: La Filosofía despues de D. Davidson*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, pp. 256-271.
- Silva Filho, W. J. (2013) *Sem Ideias Claras e Distintas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Silva Filho, W. J. (2015) “Razões Comuns”, in Plínio J. Smith. (ed.) *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*, São Paulo: Alameda Casa Editorial, pp. 154-172.
- Silva Filho, Waldomiro José, and Smith, Plínio Junqueira. (eds.) (2005) *Davidson e a filosofia*, São Paulo: Loyola.
- Silva Filho, Waldomiro José, and Smith, Plínio Junqueira. (eds.) (2007) *Ensaaios sobre o Ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial.
- Silva Filho, Waldomiro José, and Smith, Plínio Junqueira. (eds.) (2012) *As Consequências do Ceticismo*, São Paulo: Alameda Editorial.
- Smith, Plínio Junqueira. (1994) “Wittgenstein e O Pirronismo: Sobre A Natureza da Filosofia”, *Analytica*, 1/1, pp. 153-186.
- Smith, Plínio Junqueira. (1995) *O Ceticismo de Hume*, São Paulo: Loyola.
- Smith, Plínio Junqueira. (2000) *Ceticismo Filosófico*, Curitiba/São Paulo: UFPR/EPU.
- Smith, Plínio Junqueira. (2002) “Dos Formas de Escepticismo Semântico”, *Theoria*, pp. 101-18.
- Smith, Plínio Junqueira. (2003) “Significado: referencia y reglas” in Cabanchik, S., Penelas, F., and Tozzi, V. (eds.) *El Giro Pragmático en la Filosofía*, Spain: Gedisa.
- Smith, Plínio Junqueira. (2004a) *Ceticismo*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Smith, Plínio Junqueira. (2004b) *Do começo da filosofia e outros ensaios*, São Paulo: Discurso Editorial.
- Smith, Plínio Junqueira. (2005) “Ceticismo, Crenças e Vida Comum”, *Phronesis*, 7, pp. 135-153.
- Smith, Plinio Junqueira. (2006) “Ceticismo Dogmático e Dogmatismo sem Dogmas”, *Integração*, 43, pp. 85-97.
- Smith, Plinio Junqueira. (2007) “Hume y el escepticismo antiguo”, *Signos Filosóficos*, 39, pp. 54-68.
- Smith, Plínio Junqueira. (2008a) “La Critique de la Raison Pure face aux scepticismes cartésien, humien et baylien”, *Dialogue*, 1, pp. 127-183.

- Smith, Plínio Junqueira. (2008b) “Verdad, Ontología y Deflacionismo” in Hurtado, G., and Nudler, O. (eds.) *El Mobiliario del Mundo*, México: UNAM. (English translation: Hurtado, G., and Nudler, O., *The Furniture of the World: Essays in Ontology and Metaphysics*, Amsterdam/New York: Rodopi, 147-169.)
- Smith, Plínio Junqueira. (2011a) “¿Cómo Hume se volvió escéptico?”, *Daímon*, 17, pp. 32-49.
- Smith, Plínio Junqueira. (2011b) “Hume on skeptical arguments” in Machuca, D. (ed.). *Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy*. Dordrecht: Springer, pp. 171-189.
- Smith, Plínio Junqueira. (2012a) “O método cético da oposição e as fantasias de Montaigne”, *Kriterion*, LIII, pp. 375-396.
- Smith, Plínio Junqueira. (2012b) “Por que Bacon pensa que o ataque cético ao dogmatismo é insuficiente?”, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, 38, pp. 31-63.
- Smith, Plínio Junqueira. (2015a) “Strawson e o ceticismo em *Individuals*”, in Conte, Jaimir, and Gelain, Itamar. (eds.) *Ensaio sobre a filosofia de Strawson*, Florianópolis: Editora da UFSC.
- Smith, Plínio Junqueira. (2015b) *O Método Cético de Oposição na Filosofia Moderna*, São Paulo: Alameda Editorial.
- Smith, Plínio Junqueira, and Charles, Sébastien. (eds.) (2013) *Skepticism in the Eighteenth Century: Enlightenment, Lumières, Aufklärung*, Dordrecht: Springer.
- Smith, Plínio Junqueira; Wrigley, Michael B. (eds.) (2003) *O Filósofo e sua História: Uma Homenagem a Oswaldo Porchat*, Campinas: Unicamp.
- Stepanenko, Pedro. (2001) “Las estrategias escépticas y la distinción mente-cuerpo”, in Hurtado, G. (ed.), *Subjetividad, representación y realidad*, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla.
- Stepanenko, Pedro. (2002a) “El escepticismo y la reconstrucción de P. F. Strawson de la deducción kantiana de las categorías”, in Pereda C., and Beltrán J., *La certeza, ¿un mito?*, México: IIF-UNAM.
- Stepanenko, Pedro. (2002b) “Schopenhauer y la necia disputa sobre el mundo externo”, in Pereda C., and Beltrán J., *La certeza, ¿un mito?*, México: IIF-UNAM.
- Stepanenko, Pedro. (2006) “Kant y los diversos rostros del escéptico”, *Ideas y Valores*, 129, pp. 35-46.
- Stepanenko, Pedro. (2007) “Una lectura no-representacionista de la posición de Kant frente al escepticismo”, in Castañeda F., Durán V., and Hoyos, L. E., *Immanuel Kant: vigencia de*

- la filosofía crítica*, Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Universidad Nacional de Colombia.
- Stepanenko, Pedro. (2008) *Unidad de la conciencia y objetividad. Ensayos sobre autoconciencia, subjetividad y escepticismo en Kant*, México: IIF-UNAM.
- Stepanenko, Pedro. (2010) “Ramón Xirau y el silencio del pirrónico”, in Valdés, Margarita (ed.), *Celebración 85 años de Ramón Xirau*, México: IIF-UNAM.
- Stepanenko, Pedro. (2011) “Los reportes pirrónicos”, *Signos Filosóficos*, XIII/25, pp. 73-100.
- Stepanenko, Pedro. (2014) “Atomismo epistémico y escepticismo cartesiano”, in Ornelas, J., and Cíntora, A. (eds.), *Dudas filosóficas: ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, México: UAM/Gedisa, pp. 221-237.
- Techio, Jônadas. (2012) “Ceticismo e Finitude: Notas sobre a filosofia de Stanley Cavell”, in Silva Filho, W., and Smith, P.J. (eds.). *As consequências do Ceticismo*, São Paulo: Alameda.
- Williges, Flávio. (2007) “A função das dúvidas céticas nas meditações de Descartes”, *Dois Pontos*, 4, pp. 103-118.
- Williges, Flávio. (2013) “Conhecimento, ceticismo e alternativas relevantes em Dretske”, *Sképsis*, 6, pp. 40-85.
- Zuluaga, Mauricio. (2005) “El Problema de Agripa”, *Ideas y Valores*, 128, pp. 61-88.
- Zuluaga, Mauricio. (2007) *Skeptische Szenarien und Argumente*, Herbert UTZ Verlag GmbH, München.
- Zuluaga, Mauricio. (2012) “El principio de cierre lógico del conocimiento y el escepticismo”, *Praxis Filosófica*, 35pp. 97-110.
- Zuluaga, Mauricio. (2014) “Escepticismo pirrónico-escepticismo cartesiano”, in Ornelas, J., and Cíntora, A. (eds.), *Dudas Filosóficas: Ensayos sobre escepticismo antiguo, moderno y contemporáneo*, Editorial Gedisa, México, pp. 153-176.